

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA

ISLENE MOTA DE SOUZA

**O PROTAGONISMO DE LAURA ROSA: UMA PROFESSORA QUE MARCOU A
HISTÓRIA DO MARANHÃO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Imperatriz
2019

ISLENE MOTA DE SOUZA

**O PROTAGONISMO DE LAURA ROSA: UMA PROFESSORA QUE MARCOU A
HISTÓRIA DO MARANHÃO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Mariléia Santos Cruz da Silva.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

SOUZA, Islene Mota de.

O PROTAGONISMO DE LAURA ROSA: uma professora que marcou a história do Maranhão na primeira metade do século XX/ISLENE MOTA DE SOUZA. - 2019.

54 f.

Orientador(a): Mariléia Santos Cruz da Silva.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2019.

1. Laura Rosa. 2. Carreira Docente. 3. Educação maranhense.
I. SILVA, Mariléia Santos Cruz da. II. Título.

ISLENE MOTA DE SOUZA

**O PROTAGONISMO DE LAURA ROSA: UMA PROFESSORA QUE MARCOU A
HISTÓRIA DO MARANHÃO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Mariléia Santos Cruz da Silva.

Aprovada em: 11 /12/ 2019

BANCA EXAMINADORA

Mariléia Santos Cruz da Silva (Orientadora)
Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Kelly Lislie Julio (Examinadora)
Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Alexandre Ribeiro e Silva (Examinador)
Mestre em Educação
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Dedico aos meus avós maternos, aos
meus pais e amigos, que me apoiaram na
minha jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela vida, saúde e sabedoria que me proporcionou para concluir o curso de Licenciatura em Pedagogia.

Em especial, à minha orientadora, Profa. Dra. Mariléia Santos Cruz da Silva pela paciência e orientação competente em todas as etapas da elaboração deste trabalho.

Em particular, agradeço aos meus avós maternos, Maria Goiandira Borges Lima e Ivo Alves de Miranda Sobrinho; aos meus pais, Missilene Lima Mota e José Marcos Martins de Souza; a minha bisavó, Maria Zelizia Borges de Oliveira; e aos meus amigos Vitória Farias Pacheco, Janne Newlle Araújo Garcia, Erica de Lima de Matos, Adriano da Conceição Oliveira, Welingthon Silva e Robson Holanda Sousa Ferreira, que me apoiaram e colaboraram comigo durante os estudos e pesquisas.

Agradeço também à minha preceptora do Programa Residência Pedagógica, Liedja Sousa Nunes, pelos ensinamentos, orientações e a experiência enriquecedora de aprender na prática como ser uma professora excelente na educação.

Aos meus professores, pelos ensinamentos.

Aos colegas, pelo companheirismo no decorrer da longa jornada da graduação.

RESUMO

A professora normalista Laura Rosa foi também poetisa, contista, conferencista, inspetora e diretora maranhense, sendo assim uma importante intelectual do Maranhão, a qual, no ano de 1943, tornou-se a primeira mulher a ocupar uma cadeira (nº 26) na Academia Maranhense de Letras. Em sua carreira literária escreveu excelentes contos, crônicas e poesias que foram reverenciados em diversos jornais do Brasil. Em relação a carreira docente, atuou de forma marcante, dedicada e competente em diferentes escolas, contribuindo para a educação de várias gerações. O presente trabalho visou investigar a história de vida dessa relevante professora maranhense que exerceu protagonismo na história do Maranhão, destacando os aspectos ligados à sua trajetória pessoal, social e profissional. O referencial teórico foi baseado nos autores: Abreu (2016), Almeida (2013), Castro (2008), Del Priori e Bassanezi (2007), Ginzburg (2003), Guedes e Schelbauer (2010), Leite (2015), Licar (2012), Lobo (1909), Luz e Schotten (2016), Marconi e Lakatos (2016/ 2015), Martiniak (2018), Marques; Cotta; Priore (2011), Melo (2010), Mota e Tourinho (2012), Perrot (2017), Saldanha (2008), Silva (2008), Tofanelo (2015), Villela (2008) e Weber (2012). A pesquisa consistiu na identificação, transcrição e análise de textos de jornais e documentos disponíveis na hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional, documentos avulsos e códices encontrados no Arquivo Público do Estado do Maranhão, e impressos do acervo da Biblioteca Pública do Estado do Maranhão. Tais fontes apontaram como Laura Rosa era conhecida como intelectual da educação, estimada tanto como profissional quanto como pessoa, pois era uma defensora da educação infantil, feminina e também dos necessitados, sendo atuante em causas sociais. A pesquisa contribuiu para a visibilidade do papel e protagonismo de mulheres maranhenses na História do Maranhão e disponibiliza fontes sobre a educação do Maranhão na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Laura Rosa. Carreira Docente. Educação maranhense.

ABSTRACT

Professor normalista Laura Rosa was also a poet, short story writer, lecturer, provincial and Maranhão director, so u ma important intellectual of Maranhão, which, in 1943, became the first woman to hold a chair (No. 26) at Academia Maranhense de Letras. In his literary career he wrote excellent short stories, chronicles and poetry that were revered in several newspapers in Brazil. Regarding the teaching career, he worked in a remarkable, dedicated and competent way in different schools, contributing to the education of several generations. The present work aimedinvestigate the life history of this relevant teacher from Maranhão who played a leading role in the history of Maranhão, highlighting the aspects related to her personal, social and professional trajectory. The theoretical framework was based on the authors: Abreu (2016), Almeida (2013), Castro (2008), Del Priori and Bassanezi (2007), Ginzburg (2003), Guedes and Schelbauer (2010), Leite (2015), Licar (2012), Lobo (1909), Luz and Schotten (2016), Marconi and Lakatos (2016/2015), Martiniak (2018), Marques ; Cotta ; Priore (2011),Melo (2010),Mota and Tourinho (2012), Perrot(2017), Saldanha (2008), Silva (2008), Tofanelo (2015), Villela (2008) and Weber (2012). The research consisted of the identification, transcription and analysis of texts from newspapers and documents available in the digital library of the Fundação Biblioteca Nacional, separate documents and codices found in the Public Archive of the State of Maranhão, and printed from the collection of the Public Library of the State of Maranhão. Such sources pointed out how Laura Rosa was known as an education intellectual, esteemed both as a professional and as a person, as she was an advocate for early childhood education, for women and also for the needy, being active in social causes. The research contributed to the visibility of the role and protagonism of women from Maranhão in the History of Maranhão and provides sources on the education of Maranhão in the first half of the 20th century.

Keywords: Laura Rosa. Teaching Career. Education in Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A TRAJETÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA LAURA ROSA	13
1.1 LAURA ROSA NA ESCOLA NORMAL DO MARANHÃO	15
1.2 LAURA ROSA COMO IMORTAL: a primeira mulher a ocupar a cadeira na Academia Maranhense de Letras	18
2 A CARREIRA DOCENTE DE LAURA ROSA: contribuições para a História da Educação maranhense	22
2.1 LAURA ROSA E SUA DOCÊNCIA EM ESCOLAS MISTAS	23
2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE LAURA ROSA PARA A ESCOLA PRIMÁRIA DO MARANHÃO	25
3 LAURA ROSA NA IMPRENSA: pseudônimo e obras publicadas	29
3.1 ANÁLISE DAS IDEIAS E CONCEPÇÕES DA PROFESSORA LAURA ROSA EM SUA PRINCIPAL OBRA: <i>As Crianças</i>	37
3.1.1 A concepção de educação defendida por Laura Rosa na conferência <i>As Crianças</i>	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
FONTES	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

A imagem feminina nos séculos passados estava ligada a ser, em termos ideais, uma dona de casa, educadora dos filhos e submissa ao marido. Esse modelo excluía as mulheres dos lugares de protagonismo social, já que seu papel só era valorizado no interior de seus lares e no desempenho da maternidade.

Segundo Almeida (2013, p. 1), nas primeiras décadas do século XX, a imagem feminina foi definida com base nas formulações do Positivismo e Higienismo do século XIX, que atribuíam às mulheres diversas qualificações, sendo as principais responsáveis pela conservação da família e da moral cristã, detentoras de qualidades de pureza, bondade, submissão, generosidade, em cujas mãos tinham a missão de preparar o futuro da Pátria e da família.

Conforme Perrot, (2017, p. 147), “Hegel fala da vocação natural dos dois sexos. O homem tem sua vida real e substancial no Estado, na ciência ou em qualquer atividade do mesmo tipo. Enquanto a mulher [...] pelo contrário, é feita para a piedade e o interior”.

Ainda, de acordo com Perrot (2017, p. 147), “August Comte vai ainda mais longe, já que fala da inaptidão radical do sexo feminino para o governo, mesmo da simples família, em razão da espécie de estado infantil contínuo [...]”, que caracteriza as mulheres. Nem mesmo o governo da família poderia ser entregue sem controle, mas com certos limites.

Desse modo, as ações das mulheres estavam sujeitas à autoridade masculina e eram destinadas a organizar o poder privado, familiar e materno, enquanto aos homens cabia a tarefa de comandar o Estado e produzir ciência.

Entretanto, mesmo em um contexto onde os homens eram considerados detentores do saber e a educação feminina era desvalorizada, houve mulheres que driblaram a discriminação sexual, o machismo, as limitações da sua época e atuaram de forma marcante na sociedade, tornando-se intelectuais.

Uma importante intelectual do Maranhão foi a professora Laura Rosa, a qual no ano de 1943, tornou-se a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Maranhense de Letras. Ela nasceu em São Luís, no Maranhão, no dia 1.º de outubro de 1884, filha de Cecília da Conceição Rosa e de pai não declarado, tendo falecido aos 92 anos, em Caxias, no dia 14 de novembro de 1976.

No ano de 1908, Laura Rosa entra em cena no mundo da Literatura, escrevendo contos e poesias com o pseudônimo de “Violeta do Campo”.

No dia 12 de janeiro de 1910, formou-se professora normalista pela Escola Normal do Estado do Maranhão, e no dia 18 do mesmo mês, foi nomeada professora de um distrito do município de Caxias, onde atuou durante anos de forma marcante.

O interesse de pesquisar sobre essa professora maranhense surgiu no grupo de pesquisa Cultura Escolar, Práticas Curriculares e História da Disseminação dos Saberes Escolares (CEPCHSAE) da Universidade Federal do Maranhão no qual atuei como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), no período de agosto de 2018 a agosto de 2019.

O objetivo geral deste estudo foi investigar a trajetória social e profissional de Laura Rosa, dando destaque para sua atuação social como professora do Maranhão. Para isso, foi feito um levantamento de suas informações pessoais, identificação do seu pseudônimo e das suas obras publicadas em jornais, destacando os nomes dos jornais em que foi colaboradora, bem como, analisando o conteúdo das suas publicações. E, por fim, foi realizado um levantamento de informações sobre a sua trajetória docente, identificando as suas contribuições para a história da educação maranhense.

Neste estudo, esforços foram feitos objetivando dar visibilidade ao perfil da professora maranhense Laura Rosa, que, embora tenha atuado no campo intelectual, não obteve o reconhecimento merecido.

Del Priori e Bassanezi (2007, p. 409) declaram que a conquista do território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil, que enfrentaram preconceitos políticos e discriminação sexual.

Segundo Abreu (2016, p. 14), pesquisas que apresentam a leitura e a literatura no contexto feminino são importantes "para desmistificar a ideia que atribui apenas aos homens como detentores do conhecimento literário e dignos de reconhecimento pela qualidade literária". Então, este estudo também contribuirá para o reconhecimento do protagonismo feminino no campo da literatura.

Para o conhecimento sobre a vida e a obra dessa intelectual, foi utilizada a abordagem histórica e biográfica com análise documental de caráter indiciário.

O método histórico “consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje” (MARCONI; LAKATOS, 2016, p. 89). Enquanto o Paradigma Indiciário consiste, segundo Ginzburg (2003, p. 143), numa metodologia de construção do conhecimento, na qual o pesquisador valoriza elementos indiciários como peças importantes para compreensão de problemáticas de pesquisa, muitas vezes considerados aspectos insignificantes em outras metodologias.

A técnica de pesquisa adotada ou procedimento de pesquisa foi a documental e a bibliográfica. “A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina fontes primárias” (MARCONI; LAKATOS, 2015, p. 49). No anexo C, é apresentado como foi feita a pesquisa nos documentos presentes no Arquivo Público do Maranhão.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, “abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses (...)” (MARCONI; LAKATOS, 2015, p. 57).

As fontes de pesquisa inicial corresponderam à imprensa maranhense do período entre 1898 a 1976, considerando as primeiras referências sobre as publicações de Laura Rosa na imprensa, quando tinha apenas 14 anos, até o ano de sua morte aos 92 anos, em Caxias.

Segundo Marconi e Lakatos (2015, p. 58), a imprensa escrita é um tipo de fonte bibliográfica em forma de jornais e revistas; para utilizá-la, necessita-se analisar sua independência, conteúdo, orientação, difusão, influência e grupos de interesses.

Os jornais são uma importante fonte histórica, pois “não apenas podem fornecer dados sobre as sociedades do passado, mas também comentam e participam da História, dos processos e conjunturas ao qual estão inseridos” (LEITE, 2015, p.10). Dessa forma, é possível compreender melhor certas práticas e comportamentos de uma determinada sociedade.

Sobre a metodologia de pesquisa em jornais, Weber (2012, p.13) escreveu:

Cabe, portanto, ao pesquisador analisar a fonte e sua origem, para não correr o risco de repetir o que já foi dito pelo jornal, sem a releitura importante que o historiador deve fazer, considerando principalmente, que o

documento é resultado de uma montagem de acordo com os interesses de seus mentores.

Portanto, o pesquisador não deve considerar as publicações dos jornais como verdades inquestionáveis, mas analisar todo o seu contexto.

O acervo utilizado consistiu em: periódicos da imprensa do Maranhão disponíveis na hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional, documentos avulsos e códices encontrados no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM) e impressos do acervo da Biblioteca Pública do Estado do Maranhão.

O presente estudo foi desenvolvido por meio das seguintes etapas:

1. Levantamento bibliográfico sobre a professora Laura Rosa;
2. Levantamento de fontes sobre a professora Laura Rosa nos jornais maranhenses no período de 1898 a 1976.
3. Levantamento de fontes no acervo do Arquivo Público do Estado do Maranhão e na Biblioteca Pública do Estado do Maranhão.

Os teóricos que contribuíram para a fundamentação da pesquisa foram: Abreu (2016), Almeida (2013), Castro (2008), Del Priori e Bassanezi (2007), Ginzburg (2003), Guedes e Schelbauer (2010), Leite (2015), Licar (2012), Lobo (1909), Marconi e Lakatos (2016/ 2015), Martiniak (2018), Marques; Cotta; Priore (2011), Melo; et al. (2010), Mota e Tourinho (2012), Perrot (2017), Saldanha (2008), Silva (2008), Tofanelo (2015), Villela (2008) e Weber (2012).

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta informações sobre a trajetória social e profissional de Laura Rosa. O segundo trata da carreira docente de Laura Rosa, evidenciando as suas contribuições para a história da educação no Maranhão. E, por fim, o último capítulo aborda as suas obras, seu pseudônimo e análise da obra "*As crianças*".

No sentido geral, os conhecimentos produzidos no estudo favoreceram maior conhecimento da história do Maranhão, além de permitir a geração de conhecimento e reflexões que contribuem para o combate dos preconceitos contra a mulher (machismo).

1 A TRAJETÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA LAURA ROSA

Laura Rosa nasceu em São Luís, no Maranhão, no dia 1.º de outubro de 1884, filha de Cecília da Conceição Rosa e de pai não declarado. No ano de 1899, começou a escrever contos para a *Revista Elegante*, conforme consta na edição do jornal *Diário do Maranhão* (7 out. 1899, p. 2):

Foi hoje distribuido, e agradecemos o que nos vem dirigido, o n. 88 da <<Revista Elegante>> publicação mensal e gratuita da acreditada alfaiataria Teixeira, desta capital.

[...] Além disso este numero da <<Revista>> traz agradável leitura em contos, firmados dous delles pelas collaboradoras Laura Rosa e Papillon Bleu, poesias por Americo Cezar, Agostinho Reis e Il. Mattos.¹

Esta revista era um órgão de divulgação gratuita de artigos, contos e poesias, muito bem conceituada no período. De acordo com a edição do jornal *Pacotilha* (4 fev. 1895), a *Revista Elegante* era conhecida como um “órgão crítico e literário editado pela Alfaiataria Teixeira” que publicava esplêndidos artigos e belíssimas poesias. Dentre as tantas poesias editadas pela Alfaiataria Teixeira, estavam os escritos de Laura Rosa que já eram bem apreciados na imprensa de diferentes estados, como destaca um apreciador anônimo em uma homenagem feita à poetisa:

A proposito do anniversario da distincta poetisa, escreve-nos um seu apreciador:

Nome sympathico, que se vai tornando conhecido na republica das letras, pertence a uma maranhense distincta, si bem que modesta, que por sua reconhecida intellingencia, decidida vocação e esforços unicamente, já é apreciada pelos seus variados escriptos, tanto em prosa como em versos.

Pode não dispor ainda de instrucção profunda, mas tem preparatorios sufficentes para manejar a penna com a necessaria correcção e elegancia, que tornam agradaveis aos apreciadores as suas *Phantasias* e *Contos*.

Não há muito que começou os seus ensaios na *Revista Elegante*, cuja visita mensal era com agrado esperada. jornal interessante e illustrado por muitos annos sustentados pelos irmãos Teixeira, denodados campeões do progresso entre nós. D’abipassaaam a apparecer os seus escriptos em algumas folhas diarias desta Capital, recebendo-o, tambem a folha illustrada do Norte do Brazil a nossa apreciada *Revista do Norte* mantida ainda pelos incansaveis irmãos Teixeira.

Que os seus modestos escriptos são tidos em bôa conta, não resta duvida, pois temo os visto transcriptos em alguns jornaes de Pernambuco, do Pará e até de Lisboa.

¹ Deve-se ressaltar que a grafia dos documentos neste trabalho foi mantida conforme a original.

Não é nosso proposito lisonjear a nossa novel e gentil escriptora com elogios somente que não sejam cabiveis mas incital-a a perseverar e estudar, continuando a mimosear-nos com os seus estimaveis *Contos*.

Os dotos de D. Laura Rosa são mui salientes, dispõe de intelligencia robusta, memoria felicissima, a par do trato ameno e natural distincção.

Em reuniões familiares, a que já tivemos occasião de assistir, entretem a sociedade com muita graça desenvolvendo a sua gentileza com accerlo e correcção nos recitativos dos nossos melhores poetas e prosadores, em peças longas como - Y Juca-Pirama, A Judia, Psalmos de amor, As Perolas. O Pergaminho etc sempre desejadas.

Neste dia, pois, do seu anniversario natalicto, como um dos seus admiradores, não podiamos deixar de lhe testemunhar as nossas sinceras felicitações, desejando-lhe longo porvir, para que continua a deleitar-nos com os seus apreciaveis escriptos (DIÁRIO DO MARANHÃO, 1903, p. 2).

É possível notar nessa homenagem como Laura Rosa, desde o início da carreira como escritora, já era respeitada nos jornais pela excelência dos contos escritos e é incentivada a continuar os seus estudos para o seu progresso profissional.

No dia 3 de abril de 1917, o sr. Arlindo Martins, jornalista da Associação de Imprensa de São Luís, propôs que Laura Rosa fosse sócia da mesma segundo consta no jornal *Pacotilha* (4 abr. 1917, p. 4): “Pelo sr. Arlindo Martins : Laura Rosa e José Silvestre Fernandes”. Ela foi a única mulher a ter uma proposta para ser membro da Associação, porém, não foi aceita por ser mulher. A recusa do nome de Laura Rosa para membro da Associação de Imprensa ocorreu de forma arbitrária, pois, até então, não havia nenhum impedimento legal nos estatutos da entidade. Aspecto que só foi aparecer sete dias depois da recusa da poetisa para Associação, quando da aprovação do estatuto que declara que a Associação de Imprensa é destinada à classe dos homens de imprensa do Maranhão. No texto do estatuto da Associação de Imprensa do Maranhão, aprovado no dia 10 de abril de 1917, ficou definido que: “Art. I - A Associação de Imprensa do Maranhão, fundada em 22 de março de 1917, destina-se a manter sempre coésa a classe dos homens de imprensa do Maranhão e a proteger, socorrer e defender os seus associados” (PACOTILHA, 1917, p. 4).

De acordo com a edição do jornal *Pacotilha* (23 mar. 1917), foram eleitos para criar e dirigir os estatutos que seriam o regimento básico da Associação os senhores: “Alcides Pereira, Antonio Bona, os srs. Domingos Barbosa, Adelman Corrêa e Nascimento Moraes. Entre estes, foram eleitos presidente o sr. Domingos Barboza, tesoureiro o sr. Adelman Corrêa e secretario o sr. Nascimento Moraes” (PACOTILHA, 1917, p. 1).

Segundo os jornais maranhenses, Laura Rosa era muito envolvida em atos solidários. No *Diário do Maranhão* (8 dez. 1906, p. 2), consta que Laura Rosa ajudou no Bazar de Caridade promovido pela diretoria da Real Sociedade Humanitária. A *Pacotilha* (26 dez. 1919, p. 1) noticia que ela ajudou no serviço de lanches e numa árvore de natal para crianças que o Instituto de Assistência a Infância amparava: "Quer no serviço de lanches quer no da singela árvore de natal. (...) Laura Rosa, Marques da Silva auxiliaram muito (...)".

Além disso, participou de duas comissões da diretoria do movimento em prol dos Lázaros no Maranhão, em 1931, movimento que ajudava pessoas leprosas de um hospital de São Luís. Ela fazia parte da Comissão Artística e da Comissão de Expansão de Publicidade, junto com outros professores, como Nascimento Moraes.

1.1 LAURA ROSA NA ESCOLA NORMAL DO MARANHÃO

Depois de concluir o ensino primário, Laura Rosa foi aluna da Escola Normal, a qual foi criada a partir de 1835 no Brasil, para educação teórica e prática do magistério primário. Guedes e Schelbauer (2010) fazem uma breve descrição da história inicial da criação de escolas normais no Brasil:

As primeiras Escolas Normais, criadas a partir de 1835, como é o caso da Escola Normal da Província do Rio de Janeiro, e, outras como: Minas Gerais, 1835, (instalada em 1840); na Bahia em 1836 (instalada em 1841); em São Paulo em 1846; em Pernambuco e no Piauí em 1864 (ambas instaladas em 1865); em Alagoas em 1864 (instalada em 1869); em São Pedro do Rio Grande do Sul em 1869; no Pará em 1870 (instalada em 1871); no Amazonas em 1872, embora já em 1871 tivesse sido criada uma aula de Pedagogia no Liceu; no Espírito Santo, em 1873; no Rio Grande do Norte, em 1873 (instalada em 1874...) (GUEDES; SCHELBAUER, 2010, p. 230).

No Maranhão, a primeira Escola Normal foi criada por meio da Lei n.º 76, de 24 de julho de 1838, passando a funcionar a partir de 1840, após a chegada de Felipe Condurú, da França, onde fora mandado estudar, com recursos provinciais, o método de Lancaster. Condurú foi o primeiro professor da escola Normal do Maranhão (SALDANHA, 2008, p. 111).

No período que compreende o Império e a República no Brasil, essas instituições percorreram um longo processo de aberturas e fechamentos, mas foram consolidadas no período republicano. Nessa época, um dos principais problemas da

educação brasileira era a existência de professores mal qualificados e mal remunerados. No final do século XIX, em 1882, quando o Maranhão já não dispunha mais de nenhuma escola para formar professores, o presidente da Província, José Manuel de Freitas, relatou, na Assembleia Legislativa, esse problema e chamou a atenção para necessidade da criação da escola normal:

Uma das necessidades mais urgentes, de que se ressentia a instrução pública primaria da província, vem a ser a criação d' uma escola normal para a educação theorica e pratica dos indivíduos que se destinam á árdua e difícil missão de preceptores da mocidade.

No geral, são mal preparadas as pessoas que concorrem ao magistério [...]; e nenhum vi ainda que revelasse o conhecimento pratico dos methodos de ensino adoptado pelo nosso regulamento (SALDANHA, 2008, p. 111).

Portanto, o surgimento das escolas normais veio da necessidade de habilitar o professorado e valorizar a profissão docente, assim como afirma Villela (2008, p. 29): “Para a conquista do reconhecimento do ofício, foi fundamental o surgimento das escolas normais, responsáveis pelo estabelecimento de um saber especializado e um conjunto de normas que constituiriam esse campo profissional”. Deste modo, essas instituições ficaram responsáveis pela produção de normas e práticas educativas que formariam a identidade do professor primário.

Conforme Saldanha (2008, p. 114), “a criação da primeira Escola Normal no Maranhão só se verificou realmente após a Proclamação da República, no governo do Dr. José Tomás Porciúncula”. O curso durava três anos e podia ser frequentado por homens e mulheres. No início do século XX, passou a ser ofertado em cinco anos.

O Curso Normal foi muito significativo para a formação das mulheres como intelectuais, porque possibilitou que elas continuassem seus estudos, assim como afirma Martiniak (2018, p. 262): “Durante o funcionamento da Escola Normal, houve um aumento do acesso das mulheres ao magistério, pois, configurou-se para muitas candidatas como a única opção para prosseguimento dos estudos”.

Del Priori e Bassanezi (2007, p. 411) também afirmam a importância das escolas normais para a educação das mulheres: “As escolas normais, onde quer que surgissem, atraíam grande quantidade de moças, pois foram, durante anos, uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e de carreira “.

Desse modo, o ensino normal foi muito importante para a mulher no começo do século XX, pois foi o único caminho para continuar estudando depois de

concluído o ensino primário, assim, possibilitando oportunidades para a qualificação do público feminino no mercado de trabalho, conforme destaca Saldanha (2008, p. 130):

Não se deve, porém, esquecer que a Escola Normal, a exemplo do que ocorreu em todos os outros estados, abriu oportunidades para que o elemento feminino pudesse dar continuidade a seus estudos, ingressando melhor habilitados no mercado de trabalho. [...] Ao permitir que a população feminina tivesse acesso a uma melhor escolaridade, as Escolas Normais desempenharam outra importante função: a democratização das oportunidades educacionais no nível médio de ensino.

Além disso, o título de professora normalista proporcionava à mulher uma nova condição “aonde a mulher, viria, através da instrução e do trabalho a ter a capacidade de sobreviver, ser distinta e aceita, recebendo uma consagração que as fazia detentoras da competência social de ensinar” (BOURDIEU, 2003 *apud* MOTA; TOURINHO, 2012, p. 132).

Laura Rosa teve dificuldade para frequentar a Escola Normal, pois, sendo de família humilde, não tinha condições de pagar a mensalidade, por isso solicitou o cumprimento do artigo 3.º, letra B do Regime que baixou com o Decreto n.º 6, de 7 março de 1900, que garantia o direito de receber financiamento da escola, segundo é dito no *Diário do Maranhão* (25 abr. 1904, p. 2):

Actos Officiaes

D. Laura Rosa, domiciliada na comarca de Guimarães, desejando frequentar a Escola Normal, e não podendo por falta de recursos, requerendo que seja admittida como pensionista do Estado, nos termos do art. 3º letra B do Reg. que baixou com o Dec. n. 6 de 7 Março de 1900. - Informe o Sr. Director da Escola Normal.

Tal petição traduz a vontade de Laura Rosa em garantir sua instrução, mesmo em meio às dificuldades que se deparava. Segundo Mota e Tourinho (2012, p. 129), era comum pedidos de exames de segunda época, pensões e matrículas fora do prazo no cotidiano da Escola Normal para assegurar o prosseguimento dos estudos na instituição “ameaçada muitas vezes pelas dificuldades de acompanhamento de conteúdos, doenças, problemas familiares, carências financeiras, utilizavam-se das possibilidades regimentais”.

De acordo com Mota e Tourinho (2012, p. 131), a categoria pensionista foi criada em 1899 e mantida até 1914, quando o Decreto n.º 217, de 27 de março de

1914 estabeleceu: “Art. 1.º - Ficam suspensas, de 1 de abril próximo em diante, todas as pensões actualmente concedidas aos alunos da Escola Normal”.

Em 1904, Laura Rosa foi convidada a comparecer à Escola Normal para realizar o exame de admissão à matrícula do 1.º ano e firmou no dia 2 de maio do mesmo ano, o termo de compromisso como pensionista do Estado, conforme consta no *Diário do Maranhão* (3 set. 1904, p. 1): “Ao Sr. Inspector do Thesouro Publico do Estado. Remetto vos, para os fins convenientes, copia do termo de compromisso da alumna pensionista do Estado, pela 1ª zona, D. Laura Rosa, firmado em 2 de Maio findo”.

Segundo o Regulamento da Escola Normal de 1905, os pensionistas eram uma categoria de alunos que recebiam do Estado:

[...] uma annuidade de um conto e duzentos mil réis (1:200\$000). Ficam sujeitos á obrigação de dela o indemnizarem pelo desconto de 25% sobre os seus vencimentos, mensalmente, do segundo anno do seu exercício no magisterio por diante (Regulamento da Escola Normal, p. 7, 1905).

No dia 20 de fevereiro de 1907, foi aprovado o requerimento de cancelamento do seu débito, como indica o *Diário do Maranhão* (10 abr. 1911, p. 1): “aprovado em 20 de fevereiro de 1907; de D. Laura Rosa, ex-pensionista da Escola Normal, requerendo o cancelamento do debito que tem para com a fazenda do Estado”. Em 1918 houve o cancelamento do débito dela para com o Estado: “cancela o débito que tem para com o Estado, na importância de 1:492\$541, a professora do 2º distrito de Caxias, Laura Rosa (PACOTILHA, 1918, p. 4).

Laura Rosa alcançou a formação como professora normalista no dia 12 de janeiro de 1910 pela Escola Normal do Estado do Maranhão, segundo *Diário do Maranhão* de 12 de janeiro 1910, (p.1): “Receberam hoje os respectivos diplomas, na Escola Normal, as professoras normalistas senhoritas Laura Rosa e Maria de Carvalho Branco”.

1.2 LAURA ROSA COMO IMORTAL: a primeira mulher a ocupar a cadeira na Academia Maranhense de Letras

A Academia Maranhense de Letras (AML) foi fundada no dia 10 de agosto de 1908, em São Luís, conforme noticiou o jornal *Pacotilha* (11 ago. 1908):

A Academia Maranhense de Letras

Na reunião convocada para a Biblioteca Pública, ficou fundada a Academia Maranhense, de quem fazem parte, como fundadores os drs. José Ribeiro do Amaral, Clodoaldo de Freitas, I. Xavier Carvalho, Barbosa de Godóis e Godofredo Viana, e Antonio Lobo, Fran Paxeco, Alfredo de Assis, Vieira da Silva, Astolfo Marques, Domingos Barbosa e Corrêa Araújo.

A criação da AML ocorreu com o objetivo de “desenvolver a cultura intelectual e defender as tradições literárias do Maranhão e ainda, manter um intercâmbio de ideias com os centros de atividades culturais do Brasil e do exterior (MARTINS, 2002, p. 125 *apud* CASTRO, 2008, p. 61). Dessa forma, por meio da Academia Maranhense de Letras, priorizava-se o cultivo da literatura maranhense com a ação individual ou coletiva dos membros da academia.

Em 1918, a AML foi considerada de utilidade pública pelo Decreto n.º 92, de 19 de novembro de 1918 como destaca Castro (2008, p. 62):

Através do decreto n.º 92 de 19 de novembro de 1918, o Governador Urbano Santos considerou a AML de utilidade pública, determinando que fosse instalada no edifício a ser construído para a Biblioteca Pública e que a imprensa oficial editasse sua revista (da Academia).

Laura Rosa tornou-se a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Maranhense de Letras, no ano de 1943, conforme segue:

Eleita em 03 de abril de 1943 e empossada em 17 de abril do mesmo ano, foi fundadora da cadeira de nº 26 da Academia Maranhense de Letras, tendo Antonio Lôbo como patrono. Em sua posse foi recebida por Nascimento Moraes (ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS, 2018).

Antônio Francisco Leal Lobo foi professor, jornalista, escritor, ensaísta, poeta, romancista e tradutor. Também foi educador da poetisa, fato que ela cita no texto da sua conferência sobre as crianças: “[...] Antônio Lobo, o orador dos oradores maranhenses, de quem tive a ventura de ser discípula; [...]” (ROSA, 1909, p. 2).

Em seu livro *Os Novos Athenienses: subsídios para história literária do Maranhão*, publicado em 1909, Antônio Lobo tratou sobre os principais intelectuais da literatura maranhense, assim favorecendo a sua atuação e de alguns de seus contemporâneos. Além disso, fez referência a Laura Rosa na página 82, no item tratado quase ao final da obra denominado “Outros poetas”. Depois de apresentar vários autores que publicaram poemas na imprensa maranhense, citou a poetisa e

declarou que tanto ela quanto Leonete Oliveira² eram “duas poetizas adoráveis, pela simplicidade cantante e doce dos seus versos” (LOBO, 1909, p. 82). Elas foram as únicas mulheres citadas na obra. Isso demonstra que apesar da tradição literária maranhense ser marcada pela prática de ignorar a participação feminina, Laura Rosa tinha um certo destaque na literatura do Maranhão, não passando despercebida na obra sobre a história da literatura maranhense do período.

No seu discurso de posse, Laura Rosa fez questão de agradecer a Corrêa de Araújo e Nascimento de Moraes que contribuíram para que ela estivesse na Academia Maranhense de Letras:

Manda a justiça que vos diga, em primeiro lugar, que me trouxeram para esta casa de sábios ilustres as mãos amigas de Corrêa de Araújo e Nascimento de Moraes com a benevolência de seus pares. Trouxeram-me, porque, de mim mesma, nunca imaginei suficientes os meus versos, para merecimento de tão honrosas credenciais (REVISTA DA AML, 1998, p. 13 *apud* SILVA, 2008, p. 5).

Deve-se ressaltar que os dois escritores destacados por Laura Rosa, possuíam origem afrodescendente (CRUZ, 2016), assim como ela. Com a entrada de Laura Rosa na Academia Maranhense de Letras, alimentava-se uma atmosfera contrária ao modelo eurocêntrico e machista que estabelecia a superioridade intelectual de homens brancos. Nascimento Moraes, professor e jornalista bastante envolvido com o discurso antirracista, foi presidente da casa de 1941 a 1946, portanto em período compatível à admissão de Laura Rosa como imortal da Academia (ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS, 2019).

A escritora se apresenta de forma humilde e reforça a valorização dos membros mais antigos, mas destaca a conquista de ser a primeira mulher a ingressar na Academia Maranhense de Letras, assim servindo de inspiração para outras escritoras: “Eis-me, portanto, aqui, Senhores, a primeira mulher que aqui entra, porque assim o quiseram os homens ilustrados desta agremiação, guardas fiéis de nossas tradições literárias” (REVISTA DA AML, 1998, p. 15 *apud* SILVA, 2008, p. 5).

Laura Rosa ocupou a cadeira de n.º 26 de 1943 a 1974, quando foi sucedida por José Jansen, e faleceu aos 92 anos, em Caxias, no dia 14 de novembro de

² Leonete Oliveira foi uma poetisa maranhense.

1976. No anexo A é possível ver uma fotografia da professora Laura Rosa em sua casa, juntamente com o prefeito de Caxias – MA, Marcelo Thadeu Assunção, e o jornalista, Vitor Gonçalves Neto em Caxias, no ano de 1970.

2 A CARREIRA DOCENTE DE LAURA ROSA: contribuições para a história da educação maranhense

Laura Rosa, antes mesmo de se formar professora normalista, já atuava de forma significativa na educação maranhense. Além de publicar diferentes contos e poesias, realizava conferências para compartilhar seu conhecimento sobre educação, sobretudo em relação às crianças, com outros professores.

No dia 4 de dezembro de 1909, realizou, no salão da Biblioteca Pública, uma Conferência Literária. “A poetisa Laura Rosa, conforme dissemos, já fará hoje, na Bibliotheca Publica, uma conferencia, dissertando sobre *as creanças*” (CORREIO DA TARDE, 1909, p. 1).

A palestra foi dividida em duas partes: traços históricos da educação antiga e criança no lar. Na primeira parte, tratou dos pontos mais interessantes e primitivos da evolução da educação e da pedagogia e sobre a importância do “cuidar” na educação infantil. Na segunda parte da palestra, explanou sobre noções modernas sobre os períodos da infância, o ideal da educação infantil e os cuidados que a mãe deve ter em relação à alimentação, higiene e roupas. Além disso, destacou a importância da educação no lar: “O lar é um teatro, diário, em que a família deve representar, exemplarmente o seu papel educador, tendo em vista que os espectadores – as crianças imitam, repetem e gravam tudo o que vêem e o que ouvem” (ROSA, 1909, p. 32). A palestra foi transformada em um livro de 38 páginas, cuja capa é possível ver no anexo D.

A conferência foi muito bem avaliada, conforme consta no *Diário do Maranhão* (6 dez. 1909): “A conferencia que a exm.^a sr.^a dr. Laura Rosa realizou, sabbado ultimo, no salão da Bibliotheca Publica, agradou em toda a linha”.

O jornal *Correio da Tarde* (5 dez. 1909) também avaliou bem a conferência: “Foi grande a conferencia e a conferentista, que discorreu por espaço de hora e meia, foi muito cumprimentada pelo exito brilhante que alcançou”.

Outro jornal que elogiou a postura da professora normalista na conferência, foi a *Pacotilha* (6 dez. 1909): “Com uma dicção facil e clara, revelando aplicação, d. Laura Rosa mereceu as palmas que lhe tributaram e os cumprimentos que lhe fizeram”.

Em 1916, Laura Rosa realizou outra conferência na capital do Maranhão, especificamente na escola pública Almeida Oliveira, que foi cedida pelo secretário do interior, dr. Bento Moreira Lima. Dessa vez, a conferência foi dedicada aos seus colegas de magistério, dissertando sobre a pedagogia.

A conferência foi bem recebida pelos colegas, de acordo com a edição do jornal *Pacotilha* (10 abr. 1916): “Realizou-se ontem, na escola Almeida Oliveira, a conferencia da professora normalista, senhorita Laura Rosa, que dissertou sobre assuntos pedagógicos, deixando bem impressionados os seus inúmeros ouvintes”.

2.1 LAURA ROSA E SUA DOCÊNCIA EM ESCOLAS MISTAS

No dia 12 de janeiro de 1910, Laura Rosa se formou professora normalista pela Escola Normal do Estado do Maranhão, e no dia 18 do mesmo mês, foi nomeada professora pública da cadeira mista do 2.º distrito do município de Caxias.

De acordo com Saldanha (2008, p. 136), as escolas mistas não eram “constituídas por turmas mistas como hoje conhecemos, mas em geral eram escolas que funcionavam em dois turnos, cada um deles destinado a alunos do mesmo sexo”.

O Regulamento do Ensino primário de fevereiro de 1896 determinava, em seu artigo 47, Ss 29: “Nas escolhas mixtas, haverá [...] duas secções para as aulas, sendo absolutamente defeso ao professor admitir na mesma secção alunos de diferentes sexo” (SALDANHA, 2008, p.136).

Segundo consta em um documento da Inspetoria Seccional da Instrução Pública do Estado do Maranhão, identificado no Arquivo Público do Estado do Maranhão: no dia 26 de agosto de 1911, o então Inspetor Seccional da Instrução Pública do Estado da 2.ª zona, Josi Franco do Filho, inspecionou as escolas mistas regidas pelas professoras normalistas Laura Rosa e Zelinda Machado. Ele ficou admirado como o mobiliário e os livros que estavam em ótimo estado e declarou que havia objetos necessários para o bom andamento do ensino. Afirmou, também, que as aulas ocorriam na hora marcada. Isso demonstra como tanto Laura Rosa quanto Zelinda Machado eram compromissadas com a educação e exigiam material escolar e didático para as escolas em que atuavam.

A atividade docente voltada para o atendimento de meninos e meninas na mesma escola, era algo desenvolvido por ela desde o início da carreira. Uma carta de petição de material didático e escolar, escrita pela professora Laura Rosa, registra a sua presença na primeira escola mista para a qual fora nomeada, em 1910, no 2.º distrito do município de Caxias:

Inspectoria Geral da Instrução Pública
 Maranhão, 7 de março de 1914
 Laura Rosa, professora pública da cadeira mista do 2º distrito do município de Caxias, vem respeitosamente requerer a V.Ex , que se ou mandar fornecer para a sua escola os objectos mais necessarios para a sua manutenção annual e que são os seguintes:
 [...]
 S.Luiz do Maranhão 6 de março de 1914
 Pra. Normalista
 Laura Rosa
 (APEM, Inspectoria Geral da Instrução Pública do Estado do Maranhão, 1914).

Nessa carta, Laura Rosa pede objetos como: um relógio de parede, que ela destaca que a escola nunca teve, uma botija de tinta, uma caixa de giz, esponja para o quadro negro, régua, meia dúzia de lápis entre outros. Isso demonstra a falta de recursos essenciais para o funcionamento da escola e a preocupação da professora em requerer tais instrumentos de trabalho e estudo.

No dia 31 de março de 1914, o requerimento foi aprovado, conforme consta nesta carta dirigida ao Governador do Maranhão:

S. Luis, 31 de março de 1914
 Ao sr. Coronel Governador do Estado
 Aguarde-se a reforma da Instrução Pública, pendente de deliberação do Congresso
 Elizilio Domingos
 Informando as petições juntas em que as professoras normalistas d.d. Laura Rosa e Amelia Alves nazola Lobo, requerem fornecimento de material didactico e escolar para as escolas que dirigem, esta inspetoria vem declarar-vos que não tem objecções a oppor contra esse fornecimento, antes aconselha que seja feito com a maxima brevidade para que as referidas escolas funcionem com a devida normalidade [...]
 (APEM, Inspectoria Geral da Instrução Pública do Estado do Maranhão, 1914)

Segundo Jomar Moraes,³ Laura Rosa exerceu em Caxias “por seguidos anos seu proficiente magistério, deixou raízes tão sólidas e profundas, que para lá

³ Pesquisador, ensaísta, cronista, crítico e historiador da literatura maranhense.

retornou após cumprir, no sistema estadual de educação, uma das mais longas e exemplares folhas de bons serviços” (MORAES *apud* Blog da Academia Maranhense de Letras, 2012).

Laura atuou de forma tão significativa em Caxias, que, em 9 de julho de 1998, foi homenageada como uma das figuras mais reverenciadas pelos educadores da cidade, de acordo com João Batista Ericeira,⁴ que escreveu no site da OAB Maranhão, no dia 6 de agosto de 2018. Além disso, relatou a importância da professora Laura Rosa na sua formação:

Laura Rosa, a primeira mulher a ingressar na Academia Maranhense de Letras, fundou a cadeira nº 26, patroneada por Antônio Lobo, que fora seu professor. Exerceu papel relevante em minha infância. Passava temporadas em nossa casa, por conta da amizade ao meu tio materno, cônego Antônio Bonfim. Ensinou-me francês, a ler melhor o português, e algumas regras de etiqueta social. Era uma extraordinária contadora de histórias e de casos da vida política e literária do Maranhão. Combativa jornalista, ficcionista da melhor qualidade evidenciada em seus contos. As poesias estão reunidas em publicação de 2016, organizada pela professora Diomar das Graças Motta. Filha de Cecília da Conceição Rosa, operária da Fábrica Santa Amélia, em São Luís, era pedagoga ousada, pensava em mudar o homem e a sociedade pela educação (ERICEIRA, 2018).

Com esse relato, é possível compreender como Laura Rosa foi uma marcante educadora que se destacou pela sua excelente atuação na educação maranhense, contribuindo para a formação de muitas crianças.

2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE LAURA ROSA PARA A ESCOLA PRIMÁRIA DO MARANHÃO

Em 1938, Laura Rosa participou da Comissão Organizadora do Programa para o Ensino Primário, juntamente com os professores: José do Nascimento Moraes, Maria Helena de Castro Rocha, Maria do Patrocínio da Silveira Leite, Guiomar Franco de Sá, Mary Santos e com o inspetor José Silvestre Fernandes.

Segundo o presidente da Comissão, José do Nascimento Moraes, a escola estava agora “edificada, de acordo com as necessidades da sociedade, do Estado

⁴ Professor Universitário e Sócio majoritário de João Batista Ericeira (Advogados Associados do Maranhão).

e do homem, está a seu cargo o desenvolvimento de todas as coordenadas mentaes da criança” (O IMPARCIAL ⁵, 1938, p. 1).

O novo Programa das escolas primárias destacou que a missão do ensino primário é educar crianças de forma harmônica e integral para a vida social, “[...] tornando-se um fator positivo de progresso e de ordem moral e social [...]” (DIÁRIO OFICIAL, 1938, p. 9). Também afirma que a escola primária tem a finalidade de:

[...] promover, intensivamente, a socialização da criança na qualidade de membro que é da comunidade a que mais tarde terá de prestar o seu concurso, esforçar-se pelo seu melhoramento, levar-lhe noções de conforto, bons hábitos de convívio social e criar bases novas de recursos económicos, o que importa na mudança lenta, porém, segura do padrão da vida local (DIÁRIO OFICIAL, 1938, p. 8).

É possível entender que na escola primária o aluno deveria aprender lições para viver bem e servir de forma eficiente na sociedade.

O Programa era flexível na medida em que atendia não só os objetivos do ensino, mas também aos interesses dos alunos que poderiam ser manifestados durante o desenvolvimento dos projetos escolares. Esse interesse do educando é uma das ideias que foram apresentadas no Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (INEP [1932], 1984, p. 416), conforme consta neste fragmento:

O que distingue da escola tradicional a escola nova, não é, de facto, a predominância dos trabalhos de base manual e corporal, mas a presença, em todas as suas atividades, do factor psychobiologico do interesse, que é a primeira condição de uma atividade espontanea e o estímulo constante ao educando (creança, adolescente ou joven) a buscar todos os recursos ao seu alcance, graças á força de atracção das necessidades profundamente sentidas.

Além disso, determinava os conteúdos que deveriam ser aplicados em cada matéria (língua materna, cálculo, ciências sociais, higiene, ciências físicas e naturais, educação física) do 1.º ao 5.º anos, indicando livros para consulta dos professores, ação social que o aluno fazia na matéria, orientava como o professor deveria proceder na explicação do assuntos, os exercícios escritos a serem feitos pelos alunos, os objetivos de cada ano, o mínimo que o aluno deveria alcançar e

⁵ O *Imparcial* foi fundado em 1.º de maio de 1926, pelo jornalista João Pires Ferreira.

expor ao final do ano, apresentando os conteúdos e atividades que deviam ser feitas nas escolas rurais e urbanas.

O Programa era organizado de forma a possibilitar que na escola:

[...] o alumno receba instrução intellectual juntamente com o conhecimentos agrícolas, quando o ensino lhe for ministrado nas zonas ruraes. São-lhe assim fornecidas noções de trabalhos manuais que o hão de preparar para a atividade da região em que vive (DIÁRIO OFICIAL, 11 de março de 1938, p. 1)

É possível notar que esse programa preparava o aluno para a vida na região agrícola onde ele morava, colocando-o frente à realidade, que era a de cuidar da terra e fazê-la produzir.

Em 1940, a professora normalista Laura Rosa se tornou Inspetora Regional, de acordo com a edição d'*O Imparcial* (14 set. 1940, p. 3): “nomeando a Directora da Secção Technica da Directoria Geral da Instrucção Publica, normalista Laura Rosa, para o cargo de Inspector Regional do Ensino, ora vago”.

Como Inspetora Regional do Ensino, realizou muitas viagens para inspecionar diversas escolas no Maranhão. Analisando o Relatório de Instrução Pública do Maranhão de 1942 (APEM, 1943), foi possível notar que Laura Rosa viajou cerca de cento e quarenta dias para verificar o trabalho realizado em trinta e duas escolas estaduais, trinta e nove escolas municipais e nove escolas particulares. Tais escolas estavam localizadas nos municípios de Arari, Baixo Mearim, Bacabal, São Luís, Pedreiras e Barra do Corda.

No seu relatório, menciona as dificuldades que teve para inspecionar as escolas dos 14 municípios da sua zona: municípios distantes, obstáculos como transporte, estradas alagadas e com lamaçais extensos devido ao inverno. Além disso, ela ficou doente em Pedreiras, mesmo assim, prosseguiu “adoentada” para Barra do Corda. Porém, só foi possível visitar 6 municípios da sua zona.

A carreira de Laura Rosa como professora pública do Estado do Maranhão iniciou-se no dia 16 de maio de 1928. Segundo o documento de solicitação de licença prêmio (Anexo B), feito no dia 27 de junho 1938 pela ela, analisado no Arquivo Público do Estado do Maranhão, ela exerceu os seguintes cargos: professora e secretária do Grupo Escolar Nina Rodrigues (1928), professora do 5.º ano e em comissão o de diretora do dito Grupo Escolar (1930), diretora do Grupo Escolar Antônio Lobo (1931), diretora do Jardim de infância (1935) e diretora da

Seção Técnica anexa à Diretoria Geral da Instrução Pública no período de julho de 1935 até junho 1937, e professora em comissão da cadeira de Francês do Curso Complementar da Escola Normal do Estado (1937).

A carreira docente de Laura Rosa foi marcada pela dedicação e competência que exerceu durante anos seguidos no Maranhão. Ela foi uma importante educadora que contribuiu para a educação de diversas gerações, sobretudo das mulheres, através da sua literatura de qualidade, divulgando suas ideias pedagógicas, conferências esclarecedoras e marcantes para o bom andamento da pedagogia no seu estado, além do trabalho louvável nas escolas em que atuou tanto como professora quanto como diretora.

3 LAURA ROSA NA IMPRENSA: pseudônimo e obras publicadas

A carreira literária de Laura Rosa, segundo os estudos indiciários realizados, se inicia em junho de 1898 com a publicação do conto “Flora e duas Flores” na edição do jornal *Diário do Maranhão*. Tal conto trata-se de duas crianças que a poetisa descreve de forma singela e delicada como flores:

Transformaram-se essas duas flôres em dous sêres humanos, duas lindas creanças, alvas, rosadas, frescas e sadias que são os encantos dos seus progenitores e de todos quanto as veem. São irmãs:
Chama-se uma Bertha, a outra Nelly.
S. Luiz, Junho de 1898
Laura Rosa

No dia 4 de junho de 1903, foi publicado no *Diário do Maranhão* o conto “Janto a janela” que trata sobre o romance do empregado com a filha do patrão: “Ficámos então desde esse tempo tão amigos, tão unidos a conversar tanto, que logo começou a espalhar-se a notícia do nosso casamento e até meu pae compenetrrou-se disso que escreveu aos patrões participando-os”.

Segundo o jornal *A campanha* (18 maio 1903), Laura Rosa publicou um conto histórico, descritivo, bonito e simples no *Diário do Maranhão*, denominado “Após o nefado crime”, em que “apresenta Maria Santíssima, mãe de Deus, a vagar a noite pela cidade e Judas também a vagar perseguido pelo remorso, e depois enforcado num pedaço de corda que servira para açoitar Jesus”.

Em 3 de agosto de 1904, publicou o conto “Gôttas de pranto”, na edição do *Diário do Maranhão*: “Somos gôttas brilhantes de doloridas lagrimas e não astros! Não é propria nossa luz! é a dor que nos gera, que nos empresta o brilho, em cada uma de nós palpita uma alma em desalento! um pedaço de coração! Um pouco de vida...!” Tal conto se refere aos tipos de prantos que passamos nesta vida.

No ano seguinte, ela publicou a primeira parte do conto “Miss Rosa” na edição do *Diário do Maranhão* (13 abr. 1904, p. 1). Nesta parte, é narrada uma conversa com riqueza de detalhes entre a gentil americana, Miss Rosa, e a rendeira, D. Amância:

Ah! Estava ahi, D. Amancia? Pois vim agora mesmo da sua casa, disse ella, fui visital-a, e não havia lá ninguém.

Voltou-se a senhora e viu Miss. Rosa deante de si, vestida de branco, muito simplesmente toucada. com o sorriso alegre e franco nos labios, que a tornava mais bella.

Como é bôa, minha menina! não mereço tanto...pobre como sou...e, logo hoje, sahimos todos a passeio.

Ora, deixe-se disso, D. Amancia... agora, entre de novo, venha almoçar commigo e conversar um pouco para me distrahir, sim?

No decorrer da conversa, Miss Rosa revela a Amancia que pedirá um rapaz em casamento. Tal atitude espanta a humilde rendeira, pois naquela época o comum era a mulher ser pedida em casamento.

A menina está noiva então... tão caladinha?!

Ainda não!

Mas, como é isso? ... não foi ainda pedida?

Ainda não pedi!

O que? ... ainda não pediu o que?

O moço, que há de ser meu noivo!

Então... gentes... onde já se viu isto? É a senhora quem vae pedir ou elle que vem?

Sou eu quem vae!

(ROSA, DIÁRIO DO MARANHÃO, 1904, p. 3).

No dia 15 de abril 1904, foi publicada a continuação do conto. Nesta parte, é narrado o prosseguimento da conversa entre Rosa e Amância sobre o misterioso rapaz da fotografia por quem a moça se encantou e decidiu encontrá-lo para pedi-lo em casamento.

Este rapaz... ah! este rapaz...!

Quem é D. Amancia?

Não sei. mas...

(...) Olhe, D. Rosinha, vou vêr si descubro isto... qualquer dia trar-lhe-hei a resposta!

Ah! então, parece ter a ponta da meiada, D. Amancia, disse a moça radiante. Pois bem, sou eu quem irá buscar a resposta, depois de amanhã! Valeu?

Pois bem, vá lá, respondeu a senhora com um sorriso malicioso, vá. Lá!

(ROSA, DIÁRIO DO MARANHÃO, 1904, p. 1).

A conclusão do conto foi anunciada no dia 16 de abril de 1904, na edição do *Diário do Maranhão*. Laura Rosa revela como e quem é o misterioso rapaz da fotografia. Além disso, declara que após a descoberta, Rosa realmente pediu o rapaz em casamento através de uma carta: “Instantes depois, Rosa dictava, e Clorys escrevia uma carta correcta, bem redigida e breve, pedindo a mão de um cavalheiro” (ROSA, DIÁRIO DO MARANHÃO, 1904, p. 1).

Nesse conto, Laura Rosa interagiu com o leitor, colocou o mistério e fez muito suspense, mas no final revelou tudo e terminou com um final feliz para a Miss Rosa:

Não descreverei aos leitores a cara com que ficou D Amancia, quando Niarcho lhe scientificou do conteúdo da carta! Avaliem
Só direi que, um anno depois, tomavam passagem para os Estados Unidos dois jovens pares, recém-casados, de ares distintos, correctamente trajados, acompanhados de uma senhora ainda bem disposta e uma rapariguita muita viva, em um dos melhores vapores da Companhia; não sei se os reconhecerão ao vê-los embarcar ? !
Esta... só de americanos!!
Laura Rosa.
(ROSA, DIÁRIO DO MARANHÃO, 1904, p. 1).

A autora retrata a figura feminina como insubmissa, pois colocou no seu conto uma mulher como personagem principal que teve a coragem de pedir o amado em casamento, sendo que tal atitude era destinada aos homens naquela época, assim contrariando uma representação tradicional na qual a mulher estaria subordinada aos interesses masculinos.

Em relação à representação feminina na literatura, Tofanelo (2015, p. 1) pontua que:

Historicamente, o discurso predominante na literatura sempre foi do ponto de vista do cânone masculino. Discursos estes que acabavam por reforçar os ideais patriarcais acerca da inferioridade e submissão da mulher. Enquanto que à mulher, lhe era negado o papel de escrever. Com as diversas conquistas do movimento feminista em vários âmbitos, como o social, político e econômico, verificou-se uma grande alteração nesse painel histórico: a mulher deixa de ser somente representada pelo discurso masculino e passa também a representar, ela mesma, seus próprios personagens e ideologias.

Laura Rosa escreveu também singelas poesias que foram publicadas no jornal *Diário do Maranhão* como: “Quando a criança aparece” (1908), “Phantazia” (1909) e “Ainda” (1909).

Conforme os estudos realizados, percebe-se que, a partir de 1908, Laura Rosa passa a escrever cartas e poesias utilizando o pseudônimo de “Violeta do Campo”. Em geral, tanto as cartas como as poesias que foram publicadas nos jornais eram dedicadas aos seus amigos.

O primeiro escrito com o seu pseudônimo foi publicado no *Diário do Maranhão*, de 21 de abril de 1908, no caso uma carta aberta para a sua amiga Judith, onde ela conta as novidades da Capital e dos amigos que faleceram:

Colaboração

Carta para o sul

Minha boa Judith.

Tres mezes vão fazer que não vejo letras tuas,e que longos mezes!

Para te falar a verdade, ando bem inclinada a acreditar que o esquecimento é arte do demonio.

Mas, como acreditar que uma boa criatura como tu, seja tentado pelo tal sujeito?

Não sei... mas, o que é certo é que esse maganão é um hypnotista de força! Seriamente!

Ah! pobre humanidade! dirás agora, e o que seria de nós se não fosse o esquecimento bemdicto esquecimento?

Concordo, minha querida,mas não posso conformar com a ideia de ser por ti esquecida.

(...) Só tenho estas novidades a darte:

Astolpho Marques vai publicar muito breve, uma obra intitulada: a Japoneza no baile.

Estou anciosa por lê-la.

Conversando com pessôa certa, fui informada de que a obra constará de 2 volumes, ilustrados cada um, com 20 gravuras.

Deixei por ultimo, bôa amiguinha as notas mais tristes, mais pungentes da minha missiva.

São duas tristissimas noticias que também de certo, te irão ferir o coração:

Deixaram de existir os nossos distinctos amigos e necessarios educadores: dr. Almir Nina e dr. Jansen Mattos.

Ambos deixaram entre nós impreenchiveis claros.

Dr. Almir Nina! nome saudoso e doloridamente lembrado que meu coração de alumna muito amiga guardará eternamente. Não há phrases que traduzam o que me vae nalma quando lembro-me que se foi para sempre o meu querido mestre; que nunca mais em nossas classes escolares ouviremos aquella voz sonora e clara, que derramava sobre nossas cabeças buriladas phrases!

(...) Sua alma desprendeuse sublimemente com um sopro, tal como uma pétala de flor que o vento arranca docemente.

Resta-nos a doce lembrança dos seus paternas conselhos, a saudosa recordação de suas queridas lições.

Nada mais tenho a contar-te, e além de tudo debes estar já bem cacetada, não é assim?

Pois bem, vou terminar.

Acceita saudades desta terrinha que te não esquece, e abraça tua amiga sincera.

Violeta do Campo

De acordo com Mota e Tourinho (2012, p. 118), Almir Parga Nina foi também médico e o primeiro Diretor da Escola Normal, depois da separação do Liceu.

A admiração e apreço de Laura Rosa era tão grande pelo professor dr. Almir Nina, que escreveu uma poesia em sua homenagem, intitulado “Lembranças”, que foi publicada na edição do *Diário do Maranhão* (24 jul. 1908):

Lembranças

Cheia de magua, de tristeza e pranto

toda de luto, curvada e pezarosa,

vai, minh´ alma, levar ao campo santo,

a mais triste lembrança respeitosa.

Leva cirios e preces, tudo quanto
 possaa exprimir, minh'alma lacrimosa,
 a pena que me assiste; e chora tanto
 de joelho em terra, dolorosa,
 Sobre a campa do mestre muito amado,
 que alivie esta magua; pois agora,
 ser-me-a este dia relembrado
 com o respeito nascido da amizade
 profunda, sempre, passe o tempo embora,
 cheia de pranto e cheia de saudade.
 Laura Rosa.

Interessante que Judith também tinha um pseudônimo, que era “Estrella d' Alva”, e se comunicava através de cartas com Laura Rosa, como podemos notar nesta carta publicada na edição do *Diário do Maranhão* (16 out. 1908, p. 1):

Carta Aberta

A Violeta do Campo

Querida Violeta. Como estás?

A minh'alma não pode sofrer mais sofrer a tua ausencia, nesses dias que passam sem te ver, oh matyrio o meu coração vive comprimido pela dor da saudade. Saudade! Trez syllabas de luz a primeira illumina o coração é o amor; a segunda illumina os olhos é o pranto e a terceira illumina o mundo é a fé. Essa terceira é que illumina o meu coração; tenho forças, tenho fé... de que muito breve verei risonha e amavel a minha gracil Violeta.

Esta cartinha vae te causar surpresa, mas que queres, nem sempre o querer é poder. Estou exsentrica, reconheço, para o meu coração encontro guarida somente nessa doce solidão em que não, esquecida nas festas nos bailes nas conferenciais, nos passeios sinto-me tão bem e tão feliz!

A verdadeira felicidade do coração consiste quando nelle inda não teve por hospede a terrivel megera: o cume! O cume é uma horrivel fera!...

Sabes amiguinha, que no dia primeiro, deste mez, fui cumprimentar a Laura Rosa pelo seu feliz aniversario.

Foi um dever que fui cumprir, por isso não me pegues na palavra.

Laura é uma menina muito bôa. engraçada em extremo, prosista como tú, e entre as duas acho uma semelhança extra, tem mais, esta faz versos e variedades como tú, minha Violeta.

Foi um dia bom que passei muito me ri, com a historia de um queijo que a travessa Laura contou-me. Impagável creatura! Tenho, devido esse passeio algumas novidades a dar te. Eis:

Pelas cinco e meia. da tarde, a Laura recebeu uma visita foi uma graciosa menina muito alva, loura risonha e bella...

Ao ver-me mostrou-se admirada e não podendo conter-se exclama: Ah, minha Estrella d' Alva só assim teria o prazer de vel-a.

----- Onde, perguntei eu também a Laura.

Aqui. Pois não é esta senhorita que assigna-se.

Estrella d'Alva?

----- Qual, menina isso é historia, eu não.

----- E' mesmo ella tem um nome tão bonito, acrescentou Laura com a sua habitual calma.

----- Sim. podera, tú a defendes porque és a Violeta do Campo.

Uma risada crystallina, se fez ouvir foi de Laura, não é esta a primeira que a pobresinha leva fama. Achei bôa essa resposta.

(...) Calcula. Violeta, se eu recitasse esse soneto! O que sei é: a minha Laura ficou sendo a suposta Violeta do Campo e eu a Estrella d'Alva.

(...) Bem Violeta já basta, adeusinho, beijar a tua

Estrella d'Alva

Notamos nessa carta que Judith brinca com Laura Rosa em relação ao seu pseudônimo. Como se a “Violeta do Campo” e Laura Rosa fossem pessoas diferentes, assim como Judith e “Estrella d’Alva”.

No *Diário do Maranhão*, também, foram publicadas poesias e crônicas com o pseudônimo de “Violeta do Campo”. Por exemplo, a prosa “Palestrando”:

Collaboração
Palestrando
AO ARION SEMOG

[...]

Ora... dirá o sr., que o genero feminino é palrador, todo o universo o sabe! Muito bem... mas... conheço alguns srs. Que... Virgem Santissima! E` só se lhes encordoar a lingua... vai como relógio de sapateiro.

E, além de tudo, não sou relógio, de sapateiro, nem homem, nem mulher; sou - Violéta do Campo a flôr medrosa e obscura que vive occulta das vistas curiosas, singella flor, desenxabida...

[...]

Violeta do Campo.

(CAMPO, DIÁRIO DO MARANHÃO, 1908a, p. 1).

No decorrer da crônica, Laura Rosa apresenta Violeta do Campo ao sr. Arion Semog através de metáforas da natureza, tema comum nas suas obras.

No dia 16 de novembro de 1908, foi publicada no *Diário do Maranhão* (p.1) o poema “O meu amigo”, que Laura Rosa dedicou a Alberto de Jesus:

O MEU AMIGO

Para Alberto de Jesus

Tenho comigo, poeta, um passarinho
que alguém me deu quando se foi embora
anda solto o galante animalzinho
a cantar pela casa toda a hora.

Quando amanhece, o trêfego tichinho
ganha o denso arorêdo lá de fora,
e no galho mais alto abre o biquinho
e derrama no espaço a voz sonora.

Sobre a terra se a noite desenrola
Fino réo pratcado ou negro manto,
vae cantar o maroto na gaiola.

Meu lindo amor... meu dedicado amigo
é só elle que canta, quando canto
é, quando choro, vem chorar comigo.

VIOLETA DO CAMPO.

(CAMPO, DIÁRIO DO MARANHÃO, 16 out. 1908, p.01).

No livro *Os Novos Athenienses: subsídios para história literária do Maranhão*, Antônio Lobo registrou entre os poemas dos “Outros autores”, este poema, “O meu

amigo”, de Laura Rosa, na página 99, depois do soneto “Mãe”, de Nascimento de Moraes, e do poema Gattas de Pranto, de Leonete Oliveira. Com este poema, ela entra para o rol dos poetas do Maranhão, do período decadentista, destacando-se como uma das duas mulheres oficialmente consideradas na história da literatura maranhense.

O Decadentismo foi um período literário que englobou a “a atuação dos Novos Atenienses, que atribuíam a si a responsabilidade de resgatar as “glórias” literárias do Estado, perdidas com a morte ou a saída de vários intelectuais da capital maranhense [...]” (CASTRO, 2007 *apud* LICAR, 2012, p. 123). Antônio Lobo e Barbosa Godóis faziam parte do grupo de intelectuais maranhenses denominados de Novos Atenienses que “ficaram caracterizados pelo discurso saudosista e marcadamente decadentista” e foram responsáveis pela “criação de um rico patrimônio literário produzido no Estado” (LICAR, 2012, p. 123)

Laura Rosa escreveu outras poesias e contos com o seu pseudônimo “Violeta do Campo”, que foram publicados em diversos jornais: “Aquellas Cruzes” (FOLHA DO POVO, 1908), “Maio” (DIÁRIO DE S. LUIZ, 1908), “Passaro Fugido” (DIÁRIO DO MARANHÃO, 1908), “Bilhete” (O JORNAL, 1921), “Poemas da Noite” (FOLHA DO POVO, 1925), “Ensino Objectivo” (FOLHA DO POVO, 1926) “Vaporosa” (FOLHA DO POVO, 1926) e “Andorinhas” (JORNAL DO MARANHÃO, 1959).

No dia 20 de junho de 1911, foi anunciado no jornal *Correio da tarde* (p.1) o livro de contos da professora Laura Rosa com o título “As Promessas”:

As promessas

Recebemos, hontem, um exemplar do livro – As promessas da nossa conterranea – d. Laura Rosa, inelligente cultora das letras.

E o seu livro de estréa.

Traz bem acabado prefacio do provecto professor maranhense sr. José Augusto Correa.

Só o prefacio vale por uma recommendação.

O livro foi impresso no Diario officiale.

Gratissimos pela offerta, promettemos-lhe breve algo dizer sobre o valor do seu interessante livro de cantos.

E como prometido, o jornal *Correio da Tarde* (26 out. 1911, p. 1) declarou seu parecer sobre o livro:

As Promessas

Laura Rosa, talentosa escriptora maranhense, que, em Caxias, serve brilhantemente á causa da instrucção popular, teve a fildalga gentileza de

offerar-nos um exemplar dos seus bellos contos, enfeixados sob o titulo “As Promessas”.

Embora sejam o ensaio da vida intellectual da intelligente senhorita, ainda assim o “As Promessas” revela um intellecto de mulher do qual muito se tem a esperar.

O livro de Laura Rosa é uma estréia que somente applausos merece, maxime sendo feita por uma representante do sexo que, entre nós, tão proverbialmente se mostra avesso ás manifestações em prol das coisas das letras.

Mandamos á gentil escriptora os mais respeitosos e sinceros saudares da “Gazeta” de par com os melhores agradecimentos pelo mimo, que nos fez, do seu apreciavel livro, que tem 140 páginas e foi preparado nas officinas da Imprensa Offiicial do Maranhão.

Como observamos, O jornal *Correio da Tarde* elogiou bastante o livro e a professora Laura Rosa. Além disso, em outra edição, o jornal anunciou as apreciações de outros jornais sobre o livro. A primeira no *Jornal do Commercio*, de Caxias:

POSTAL

A D. Laura Rosa

Escrito numa linguagem singela e natural, - o vosso precioso livro tem a doçura e limpidez de um regato que deslisa, mansamente, por entre seixos, no sei, de uma floresta sombria.

Parece que foi escripto para ser lido pelas creanças...

Foi, estou certo, a vossa trabalhosa missão de preceptora da infancia, que deu como resultado esse estudo psicologico, que são as vossas PROMESSAS.

Acostumada a viver entre as creanças, vejo que D. Laura Rosa soube moldar-se ao estudo da alma infantil tão cheia de ingenuidades.. (...)

(JORNAL DO COMMERCIO *apud* CORREIO DA TARDE, 1911, p.1).

A segunda apreciação sobre o livro foi no *Jornal do Commercio* da cidade de Theresina:

DE CARREIRA

[...] Laura Rosa, delicada poetiza maranhense e nossa intelijente colaboradora, acaba de juntar mais um elemento á construção do edificio literario feminino, com o seu primoroso livro de contos – Promessas, que não são esperanças, como indica o seu nome, mas que já mostram a clara vizualidade de um estilo constituido e de uma expressão literaria já feita. Com um vocabulario ainda restrito e de combinações pouco audazes, a autora objectiva as suas impressões. Irizando-as de um humorisin sobrio e forte, ás vezes mesmo original e salutante.

[...] Recomendamos ao publico de Therezina e com especialidade ás nossas leitoras o agradavel livro de L. Roza.

(JORNAL COMMERCIO *apud* CORREIO DA TARDE, 10 out. 1911, p. 1).

A partir das obras publicadas nos jornais e da análise realizada, é possível compreender como Laura Rosa era uma intelectual de destaque na sua época em

decorrência dos seus excelentes escritos que foram tanto elogiados por diferentes jornais na primeira metade do século XX.

3.1 ANÁLISE DAS IDEIAS E CONCEPÇÕES DA PROFESSORA LAURA ROSA EM SUA PRINCIPAL OBRA: *As Crianças*

Em 1909, Laura Rosa escreveu o texto da conferência sobre a educação das crianças, realizada no salão da Biblioteca Pública, para seus colegas de profissão. Sua intenção era apresentar traços históricos de como era a educação nos povos antigos e expandir o seu pensamento sobre como a criança deveria ser cuidada e educada no lar.

A ideia de escrever sobre esse tema surgiu do seu interesse em conversar, sobretudo, com as mães de família acerca de coisas práticas e teóricas relacionadas à educação das crianças, que elas não tiveram oportunidade de saber em razão do seu dever como dona de casa.

3.1.1 A concepção de educação defendida por Laura Rosa na conferência *As Crianças*

Laura Rosa defendia a ideia de que a educação começava antes do nascimento. E para fundamentar isso, cita Almir Nina:

A educação, dizia o meu caro mestre de saudosíssima memória, dr. Almir Nina, a educação começa no período da gestação, mesmo, antes do nascimento, deve caminhar só até os 7 anos da idade infantil que constituem os primeiros períodos da vida humana; dahi em diante, junte-se-lhe a instrução e ambas caminhem juntas até a morte (ROSA, 1909, p.7).

Com base nisso, percebemos que, para ela, a criança recebe primeiro a educação que começa desde a gestação e após os 7 anos de idade, a instrução.

A ideia da educação antes do nascimento vem de Platão. Segundo Laura Rosa, esse grande educador e filósofo grego acreditava que:

[...] as mães deviam cuidar de si, escrupulosamente, todo o tempo que trouxessem o filhinho ao seio; deviam evitar pensamentos de ira, maus pensamentos, comoções violentas, más impressões, alimentos e bebidas demasiado fortes e prejudiciaes á saúde, etc.: emfim, evitar tudo o que se pudesse reflectir no sér em gestação. (ROSA, 1909, p. 7).

Laura Rosa acreditava tanto nessa teoria filosófica, que cita e comenta no texto duas notícias de jornais que comprovariam essa ideia. A primeira foi da mulher que deu à luz a um monstro semelhante a um macaco, porque durante a gestação passava muito tempo brincando com o animal em sua casa (ROSA, 1909, p. 7). E o outro caso, de uma senhora londrina, descrita como uma formosa inglesa que era casada com um espanhol que tinha feições corretas, mas seus filhos eram feios e de mau gênio devido a ela ter tido contato com sua empregada considerada feia (ROSA, 1909, p. 8). Relata também que após a senhora ir ao médico, queixava-se da feiura e do gênio forte dos filhos, o mesmo passou o seguinte medicamento: [...] “um grande chromo, finíssimo, apresentando duas lindíssimas crianças loiras e coradas. A miss deveria contempla-lo o maior numero de vezes possível e conservar-se tranquila e confiante” (ROSA, 1909, p. 8). Depois disso, a senhora teve duas crianças loiras, formosas e coradas. Tal relato demonstra uma representação racista da autora, muito comum naquela época, que relacionava a ideia de beleza a fenótipos de origem europeia.

Além disso, a professora normalista deixa claro que concorda com a ideia de que o comportamento, os hábitos e até a convivência da mãe com animais ou pessoas “feias” influenciariam nas características físicas da criança em formação e que isso explicaria em parte as suas possíveis anomalias.

Hoje, é possível saber que as causas das anomalias congênicas⁶ estão relacionadas a fatores que antecedem ao nascimento do bebê, podendo ser adquiridas ou, sobretudo, herdadas:

Os principais fatores etiológicos são representados pelas condições hereditárias (genéticas), exposição a substâncias (medicamentos, álcool e drogas ilícitas), infecções (citomegalovirose, rubéola e toxoplasmose) e radiações, sendo na maioria das vezes por razões desconhecidas (MELO *et al.*; 2010, p. 174).

Para Rosa (1909, p. 10), a educação é dividida em duas partes: a educação particular e a educação familiar, e educação pública ou educação social e escolar,

⁶ “Anomalia congênita (AC) é todo defeito funcional ou estrutural, presente no momento do nascimento ou que se manifesta em etapas mais avançadas da vida” (MELO; *et al.*; 2010, p. 174).

mas ela não conceitua cada uma dessas partes, só apresenta o seguinte conceito pedagógico de educação:

Educação é um facto de solidariedade natural e necessaria pelo qual o homem, no período do seu desenvolvimento, se aperfeiçoa e se completa, de acordo com a espontaneidade de sua natureza, com o meio em que vive; e pela acção directa do adulto sobre a criança, tendo em vista os ideaes de um povo, a humanidade e a sua propria personalidade e vocação (ROSA, 1909, p. 10).

Então, para ela, o resultado da educação da criança vem da sua natureza humana, do ambiente em que vive, das influências que recebe dos adultos e do povo ao qual pertence.

Com base nisso, Laura Rosa abordou de forma bem sucinta a educação antiga entre os povos considerados por ela mais civilizados de outras eras, mostrando como era a educação dos chineses, hindus, fenícios, israelitas, espartanos e atenienses. Tais informações a professora normalista destaca que coletou “[...] nas prelecções pedagogicas feitas nas aulas pelos ilustres professores drs. Antonio B. de Godois e Almir Nina, estudadas por eles essas noções pedagogicas nos livros de Dominice e outros autores pedagogistas” (ROSA, 1909, p.11).

Laura Rosa destaca que na China o objetivo principal da educação tanto na família quanto na escola era “[...] fazer a criança adquirir uma habilidade mecânica, tradicional e segura, desde a mais tenra idade” (ROSA, 1909, p. 11). Também critica que dessa forma a educação era oprimida, superficial e exterior, mas acreditava que poderia haver mudanças nessa concepção, pois a China estava aceitando novas ideias de instrução, porém, não cita quais ideias.

Em relação à educação dos hindus, comenta que era ensinado às crianças “[...] a abandonar todos os pensamentos terrestres, a fundir-se desde esta vida até a outra, a preparar a vida inteira para comparecer purificado diante de um Deus que em tudo se manifesta, e conserva límpidos, crystalinos e purificados o Ganges e o Himalaya” (ROSA, 1909, p. 13).

A instrução superior só era dada aos padres e aos brâmanes, enquanto a instrução primária era ministrada na família ou pelos brâmanes. Segundo Laura Rosa, aos poucos esse povo estava evoluindo nessa área educacional, pois “[...] a

educação espiritual já não é ali tão cheia de mythos; a criança hyndu já tem alguma liberdade de enxergar mais adiante o real [...]” (ROSA, 1909, p.13).

Sobre a educação dos fenícios, relata que era responsabilidade tanto da mãe quanto do pai. As mães “[...] contavam-lhes gloriosas aventuras marítimas dos seus antepassados, conquistas de fabulosas riquezas; os paes ensinavam-lhes a jogar armas, a ler, a calcular e a escrever” (ROSA, 1909, p.13). Porém, ela acreditava que a Fenícia era tendente a um demorado progresso em razão de ter sido dominada por diferentes povos com outros costumes e outras teorias da educação.

Acerca da educação dos israelitas, define que consistia em “[...] moralisar o lar pela palavra e pelos exemplos para que a criança aprendesse vendo, ouvindo, observando e imitando, como é natural” (ROSA, 1909, p.15). A criança aprendia, sobretudo, sobre as leis de Jeová e a sua casa era a escola moral, social e instrutiva. Mas havia uma diferença entre a educação das meninas e dos meninos. “A menina aprendia a coser, tecer, cantar e ... fazer o bife; o menino a ler e escrever” (ROSA, 1909, p. 15).

Rosa (1909, p. 17 e 18) também destaca que na Pérsia somente os homens recebiam educação. Eles aprendiam a atirar arco, lançar dardo e montar a cavalo e eram disciplinados a suportar a fome, o frio e a sede. Enquanto as mulheres só tinham o dever de educar as meninas sobre as tarefas domésticas.

Rosa (1909, p.19) faz uma comparação entre a educação em Esparta e Atenas, apresentando suas principais diferenças. Enfatiza que em Atenas era inteiramente intelectual, feita pela família e preparava as crianças para serem filósofos, oradores, cientistas. Enquanto em Esparta, o foco era totalmente o físico, sendo o governo responsável em formar soldados e lutadores fortes com corpos musculosos desenvolvidos na ginástica.

Na segunda parte do livro, a autora trata de como a criança deve ser cuidada e educada no lar. Segundo ela, a criação e a educação dos filhos começam pela amamentação: “[...] criar e educar filhos é uma arte e das mais difíceis e de mais responsabilidade. Começa pela amamentação” (ROSA, 1909, p. 22).

Para Marques, Cotta e Priore (2011, p. 2462), o leite materno é importante para o bebê “devido às suas propriedades nutricionais e imunológicas, protegendo o recém-nascido de infecções, diarreia e doenças respiratórias, permitindo seu crescimento e desenvolvimento saudável, além de fortalecer o vínculo mãe-filho (...)”.

Porém, Rosa (1909, p. 22) destacava que através do leite materno as crianças também poderiam adquirir certas doenças. Então, era importante que a mãe tivesse cuidado com a sua alimentação, pois parte dela haveria de ser ingerida pelo filho através do leite materno. Também frisava que, para que o leite fosse puro e sã era preciso que as mães fossem saudáveis ou então alimentassem o filho com leite de vaca ou cabra.

Outra coisa a que Rosa (1909, p. 23) chamava a atenção era para o perigo de chamar amas de leite⁷: “Uma ama de leite... quem será essa mulher? Quem sabe? Conductora talvez, da Tuberculose ou da Tísica, da Lymphatite ou de outras moléstias hereditarias ou transmissiveis” (ROSA, 1909, p. 23). De acordo com ela, a ama de leite podia transmitir doenças graves para as crianças, por isso que as mães deveriam evitar utilizar outros meios de alimentar o filho, como através do leite de vaca ou cabra.

No decorrer do texto, ela ainda apresenta outras coisas que poderiam ser prejudiciais à criança e uma série de cuidados que a mãe deveria ter, por exemplo em relação à estrutura do quarto e do berço, as formas de colocar para dormir, a higiene das roupas entre outros.

Laura Rosa enfatiza que o papel da mãe era “preparar na criança, o physico e o moral; cultivar-lhe o corpo e o espirito. Ser mãe não é só amamentar e criar, não” (ROSA, 1909, p. 29). Por isso que ela apresentou os cuidados físicos que as mães deviam ter com seus filhos para que eles crescessem fortes e saudáveis e também da importância de contribuir para a boa formação do caráter deles. Pois “Compete às mães derramarem, no character em formação, tudo o que tiverem consigo de bom, de sublime, de grandioso e de altruístico. E a mulher que faz o cidadão, é o cidadão que faz a patria” (ROSA, 1909, p.32).

E para corrigir o mau comportamento dos filhos, não era necessário utilizar a violência através dos castigos físicos. A professora normalista declarava ser contra os castigos corporais, assim como Aristóteles: “Pancada não educa, desbria; isso já caiu, Aristoteles foi o primeiro que protestou contra os castigos corporaes e eu concordo com o grande philosopho, e como eu, creio que muita gente” (ROSA, 1909, p. 32).

⁷ “Mulher que amamenta criança alheia” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2019).

Para Laura Rosa, as crianças precisavam ser educadas e cuidadas sem violência e com respeito à sua integridade física e psicológica. Os pais teriam a responsabilidade de ensinar princípios, valores e estratégias que visavam a ajudar na convivência e no processo educacional da criança. Defendia que “O caracter forma-se no lar, aperfeiçoa-se na escola e eleva-se na sociedade; e para que a sociedade seja educada é necessario que os caracteres elevados lhe sirvam de base” (ROSA, 1909, p. 32).

Com relação à educação familiar, Luz e Schotten (2016, p. 6) explicam que:

A educação familiar refere-se ao dever e função dos pais ou responsáveis no ato de educar os filhos visando sua formação e desenvolvimento integral do caráter, da personalidade, dos valores morais, éticos, espirituais e estéticos, da cidadania, da autoestima, da autonomia, dos limites etc. e no acompanhamento de sua vida escolar.

Laura Rosa também defende a importância do papel educador da família. “O lar é um teatro, diário, em que a família deve representar, exemplarmente o seu papel educador, tendo em vista que os expectadores – as crianças imitam, repetem e gravam tudo o que vêem e o que ouvem” (ROSA, 1909, p. 32).

Portanto, esse exemplar da palestra de Laura Rosa apresentou de modo claro, sucinto e objetivo os cuidados e a forma ideal de educar o público infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Laura Rosa foi uma relevante poetisa, contista, conferencista, professora normalista, inspetora e diretora maranhense. Uma intelectual da educação, estimada tanto como profissional quanto como pessoa, pois era uma defensora da educação feminina e também dos necessitados, sendo atuante em causas sociais como: Bazar de Caridade, Instituição a Infância e Movimento Lázaro.

Além disso, foi uma mulher que enfrentou dificuldades para adquirir o título de professora normalista, porém, não desistiu e buscou o seu desenvolvimento pessoal e de carreira, continuando seus estudos na Escola Normal para ingressar no magistério da educação primária de forma qualificada.

A trajetória social e profissional de Laura Rosa demonstra que ela exerceu protagonismo na primeira metade do século XX, no Maranhão, sendo uma professora extraordinária. Destacou-se pela qualidade das obras escritas, publicadas e elogiadas em diferentes jornais do Brasil. Não é de se admirar que ela se tornou a primeira mulher a ingressar na Academia Maranhense de Letras, ocupando de forma marcante a cadeira n.º 26 durante 31 anos e tendo destaque como uma das duas mulheres oficialmente consideradas na história da literatura maranhense por Antônio Lobo.

Não foi possível identificar informações familiares, escolares e dificuldades que a distinta educadora teve para adquirir o reconhecimento público como intelectual maranhense em razão do pouco tempo de pesquisa que dificultou a investigação mais aprofundada em outros locais, como na cidade de Caxias.

É inegável que Laura Rosa atuou de forma dedicada e competente durante anos na educação maranhense nos diferentes cargos que exerceu, contribuindo para o aprendizado de várias gerações, sobretudo de crianças e mulheres.

FONTES

A CAMPANHA. Estado do Maranhão. São Luís: nº00101, 1903.

APEM. **Inspectoria Seccional da Instrução Pública do Estado Maranhão.** São Luís, 1911.

APEM. **Inspectoria Geral da Instrução Pública do Estado do Maranhão.** São Luís, 1914.

APEM. **Licença Prêmio.** São Luís, 1938.

APEM. Estado do Maranhão. **Relatório Geral da Instrução Pública do estado do Maranhão.** São Luís, 1943. 100fls. (datilografado) Loc. E13. PO3. REG. N 1914/93.

CAMPO, VIOLETA. **O meu amigo.** DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão: São Luís: nº 10552, 1908.

CAMPO, VIOLETA. **Palestrando.** DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão: São Luís: nº 1047, 1908.

CORREIO DA TARDE. Estado do Maranhão. São Luís: nº4, 1909.

CORREIO DA TARDE. Estado do Maranhão. São Luís: nº1, 1909.

DIÁRIO DO MARANHÃO. **Actos Officiaes.** Estado do Maranhão. São Luís: nº 09213, 1904.

DIÁRIO DO MARANHÃO. **Noticiario.** Estado do Maranhão. São Luís: nº 07831, 1899.

DIÁRIO DO MARANHÃO. **1º de outubro.** Estado do Maranhão. São Luís: nº 09402, 1903, p. 2.

DIÁRIO DO MARANHÃO. **Officios.** Estado do Maranhão. São Luís: nº 09321, 1904, p. 1.

DIÁRIO DO MARANHÃO. **Real Sociedade Humanitaria I: de dezembro.** Estado do Maranhão. São Luís: nº 10008, 1906, p. 2.

DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão. São Luís: nº 10687, 1908, p. 1.

DIÁRIO DO MARANHÃO. **Conferencia.** Estado do Maranhão. São Luís: nº10927, 1909, p. 1.

DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão. São Luís: nº 10957, 1910, p. 1.

DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão. **O Congresso do Estado**. São Luís: nº 11339, 1911, p. 1.

DIÁRIO OFICIAL. Estado do Maranhão. **Directoria Geral da instrução Pública do Maranhão**. São Luís: nº 36, 1938, p. 1.

IMPARCIAL. **Uma expressão pedagógica**. Estado do Maranhão. São Luís: nº05869, 1938.

IMPARCIAL. **Actos Officiaes**. Estado do Maranhão. São Luís: nº07056A, 1940.

PACOTILHA. **Revista Elegante**. Estado do Maranhão. São Luís: nº00029, 1895.

PACOTILHA. **Academia Maranhense de Letras**. Estado do Maranhão. São Luís: nº00189, 1908.

PACOTILHA. **Carta aberta**. Estado do Maranhão. São Luís: nº 00288, 1909.

PACOTILHA. Estado do Maranhão. São Luís: nº84, 1916.

PACOTILHA. **Associação de Imprensa do Maranhão**. Estado do Maranhão. São Luís: nº 00069, 1917, p.01.

PACOTILHA. **Associação de Imprensa do Maranhão**. Estado do Maranhão. São Luís: nº 00079, 1917, p.04.

PACOTILHA. **Associação de Imprensa**. Estado do Maranhão. São Luís: nº 00082, 1917, p.04.

PACOTILHA. **O Congresso do Estado**. Estado do Maranhão. São Luís: nº 00070,1918, p.04.

PACOTILHA. **O natal da criança**. Estado do Maranhão. São Luís: nº 00304,1919, p.01.

REGULAMENTO DA ESCOLA NORMAL DE 1905. Disponível em: <http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/201408272214071409188447_4011409188447_401.pdf> Acessado no dia 16 de janeiro de 2020.

ROSA, L. **Flora e duas Flores**. DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão. São Luís: nº07851,1899.

ROSA, L. **Gôttas de pranto**. DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão. São Luís: nº 9294,1903.

ROSA, L. **Janto a Janela**. DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão. São Luís: nº08944 ,1903.

ROSA, L. **Miss Rosa**. DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão. São Luís: nº 06,1904, p.03.

ROSA, L. **Miss Rosa**. DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão. São Luís: nº 06,1904, p.01.

ROSA, L. **Miss Rosa**. DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão. São Luís: nº 9206,1904, p.02.

ROSA, L. **Carta para o Sul**. DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão. São Luís: nº 10426, 1908, p.01.

ROSA, L. **Lembranças**. DIÁRIO DO MARANHÃO. Estado do Maranhão. São Luís: nº 10506, 1908, p.01.

ROSA, L. **As crianças**. Disponível em: <http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/201408272218141409188694_74731409188694_7473.pdf> Acessado no dia 20 de outubro de 2018.

ROSA, L. **As Promessas**. CORREIO DA TARDE. Estado do Maranhão. São Luís: nº570, 1911, p.01.

ROSA, L. **As Promessas**. CORREIO DA TARDE. Estado do Maranhão. São Luís: nº465, 1911, p.01.

ROSA, L. **Postal**. CORREIO DA TARDE. Estado do Maranhão. São Luís: nº557, 1911, p.01.

REFERÊNCIAS

ABREU, Adelice Cadete. **Memórias de mulheres**: as contribuições de Maria Firmina dos Reis e Martinha Abranches para a leitura e a literatura no século XIX no Maranhão. 2016. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA.

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS. **Fundador Pioneiro**: Laura Rosa. Disponível em: <<http://www.academiamaranhense.org.br/laura-rosa/>>. Acesso em: 18 set. 2018.

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS. **Presidentes**. Disponível em: <<http://www.academiamaranhense.org.br/presidentes/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

ALMEIDA, Jane Soares de. As gentis patrícias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940). **Educar em Revista**, Curitiba: Ed. UFPR, n. 48, p. 187-205, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000200012>. Acesso em: 10 nov. 2019.

BLOG ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS. **Uma rosa que era violeta**. Disponível em: <<http://www.academiamaranhense.org.br/blog/uma-rosa-que-era-violeta/>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

CASTRO, Ana Caroline Neres. Academia Maranhense de Letras: um século inventando tradições (1908-2008). **Outros Tempos**, v. 5, n. 5, p. 59-75, 2008. Disponível em: <<https://www.outrostempos.uema.br/volume05/vol05art04.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

CRUZ, M. S. A produção da invisibilidade intelectual do professor negro Nascimento Moraes na história literária maranhense, no início do século XX. **Revista Brasileira de História** (Online). v. 36, p. 209-230, 2016.

DEL PRIORI, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das Mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

ERICEIRA, João Batista. **Efemérides Caxienses**. OAB MARANHÃO. Disponível em: <<http://www.oabma.org.br/agora/artigo/efemerides-caxienses-228>> Acesso em: 30 jul. 2019.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2 ed. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUEDES, Shirlei Terezinha Roman; SCHELBAUER, Anaete Regina. Da Prática do Ensino à Prática de Ensino: Os sentidos da prática na formação de professores no Brasil do século XIX. **Revista HISTEDBR**, Campinas, Número Especial, p. 227-245, maio 2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/37e/art15_37e.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

INEP. **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. [1932]. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, 65(150), p. 407-425, maio/ago. 1984. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/70Anos/Manifesto_dos_Pioneiros_Educao_Nova.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, Metodologia e Possibilidade: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, v. 7, n. 1, p. 3-17, 2015. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1629/8314>> Acessado no dia 16 de janeiro de 2020.

LICAR, Ana Caroline Neres Castro. **“Escrita rudimentar”**: uma polêmica entre Antônio Lobo e Barbosa de Godóis. São Luís: Café & Lápis; FAPEMA, 2012.

LOBO, Antonio. **Os novos athenienses**: subsídios para história literária do Maranhão. São Luís: Typ. Teixeira, 1909.

LUZ, Reginaldo Rodrigues; SCHOTTEN, Neuci. Atribuições da Educação Familiar e Escolar no desenvolvimento integral do educando. **Cadernos PDE**, v. 1. Rio Negro, PR, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos_pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_utfpr_reginaldorodriguesdaluz.pdf> Acessado no dia 20 de janeiro de 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MARQUES, E. S.; COTTA, R. M. M.; PRIORE, S. E. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 5, p. 2461-2468, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n5/a15v16n5.pdf>> Acesso em: 22 out. 2019.

MARTINIAK, Vera Lucia. A formação de professores no Paraná na Primeira República: a Escola Normal Primária de Ponta Grossa. **Ensino & História**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 255-282, jan./jun. 2018. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/30205>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MELO, W. A.; ZURITA, R. C. M.; UCHIMURA, T. T.; MARCON, S. S. Anomalias congênitas: fatores associados à idade materna em município sul brasileiro, 2000 a 2007. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 12, n. 1, p. 73-82, 2010. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v12/n1/pdf/v12n1a09.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2019.

MOTA, Diomar das Graças; TOURINHO, Mary Angélica Costa. As normalistas no início do século XX em São Luís do Maranhão: ações e mobilizações estudantis. **Revista Educação & Emancipação**, v. 5, n. 1, p. 114-138, jan./jun. 2012. Disponível em: <[file:///C:/Users/islen/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/5359-16418-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/islen/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/5359-16418-1-SM%20(1).pdf)>. Acesso em: 7 abr. 2019.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. 7 ed. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

SALDANHA, Lilian Leda. **A Instrução pública maranhense na primeira década republicana**. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

SILVA, Renato Kerly Marques. Literatura, Gênero e Escritoras em São Luís, Maranhão. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8**, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST66/Renato_Kerly_Marques_Silva_66.pdf> . Acesso em: 11 nov. 2019.

TOFANELO, Gabriela Fonseca. A trajetória do feminismo na literatura de autoria feminina brasileira: espaços e conquistas. **Anais do IV Simpósio Internacional Educação e Sexualidade**, Maringá, 2015. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/593.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

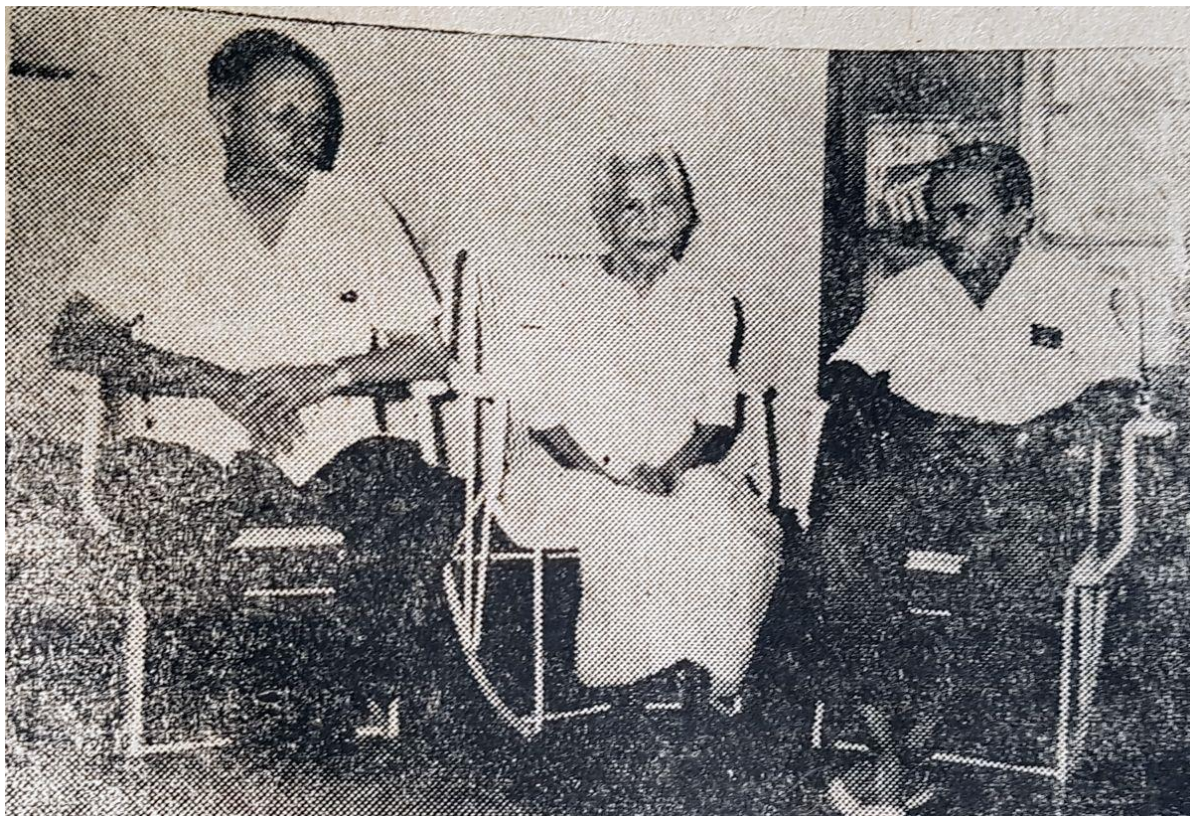
VILLELA, H. O. S. A primeira escola normal do Brasil: concepções sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: ARAÚJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B.; LOPES, A. P. C. (Orgs). **As escolas normais no Brasil**: do império à república. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2008. p. 29-45.

WEBER, Daniela Maria. Metodologia para pesquisa em imprensa: experiências através d'o paladino. **Signos**, v. 33, n. 1, p. 9-21, 2012. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/718>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

ANEXOS

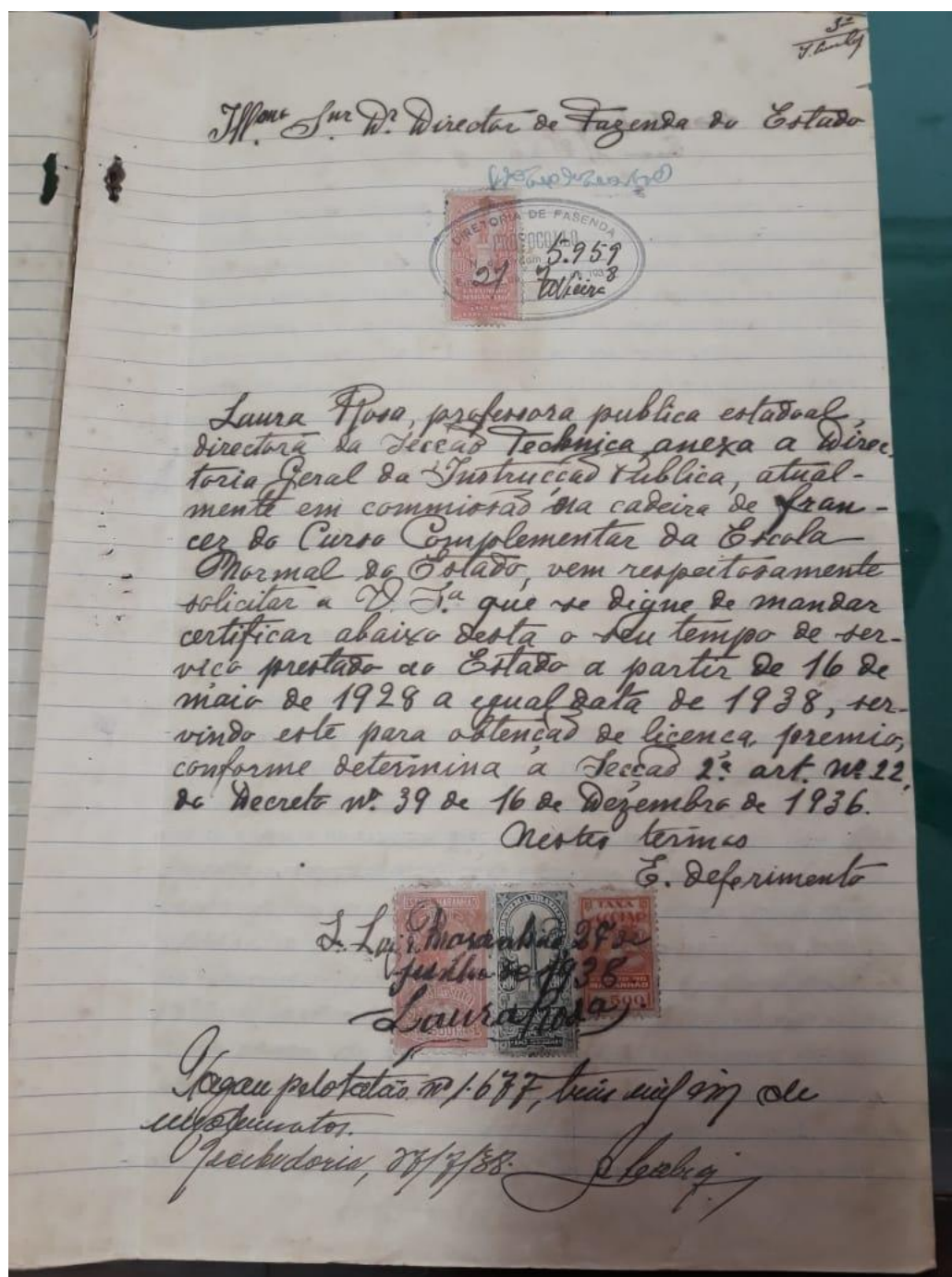
ANEXO A – FOTOGRAFIA DA PROFESSORA LAURA ROSA

Na foto o prefeito de Caxias -MA, Marcelo Thadeu Assunção (esquerda) e o jornalista Vitor Gonçalves Neto (direita) em visita a poetisa Laura Rosa, em Caxias no ano de 1970.



Fonte: https://eziquio.files.wordpress.com/2017/04/20170424_114942.jpg

ANEXO B – SOLICITAÇÃO DE LICENÇA PRÊMIO FEITO POR LAURA ROSA



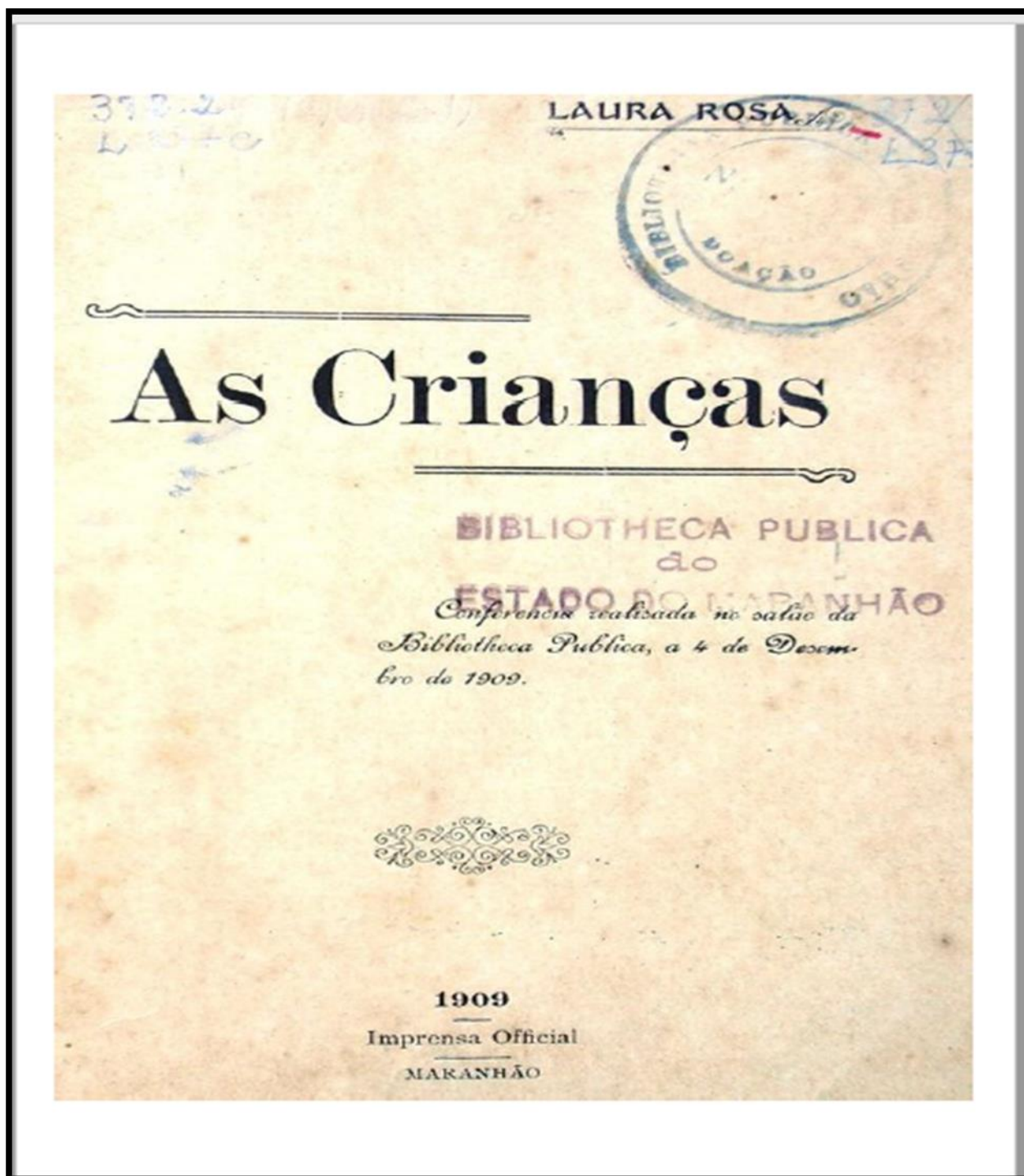
Fonte: Arquivo Público do Maranhão (1938)

ANEXO C – PESQUISANDO DOCUMENTOS SOBRE LAURA ROSA NO ARQUIVO PÚBLICO DO MARANHÃO



Fonte: Própria (2018)

ANEXO D – CAPA DO IMPRESSO “AS CRIANÇAS”



Fonte: <http://www.cultura.ma.gov.br/porta/bpbl/acervodigital/>